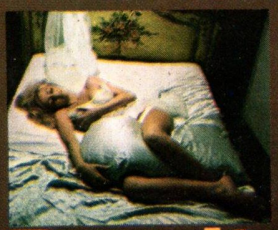
ele ela

O sexo segundo os jovens

Ele só me procura aos sábados



Receitas para não ficar sozinha

ANO 3 / MARÇO DE 1972 / N.º 35 / Cr$ 4,00 / EM PORTUGAL: ESC. 25$00

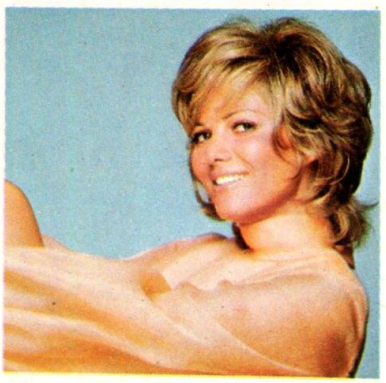
pele limpa, rosto lindo

Em Roma, cidade de lindas mulheres, destaca-se a beleza da estrêla internacional do cinema: Cláudia Cardinale.

Como as mulheres mais lindas do mundo, ela sabe que o segrêdo de um rosto lindo está no cuidado da pele.

Por isso usa Lux, o sabonete de beleza.

É Cláudia Cardinale quem diz:



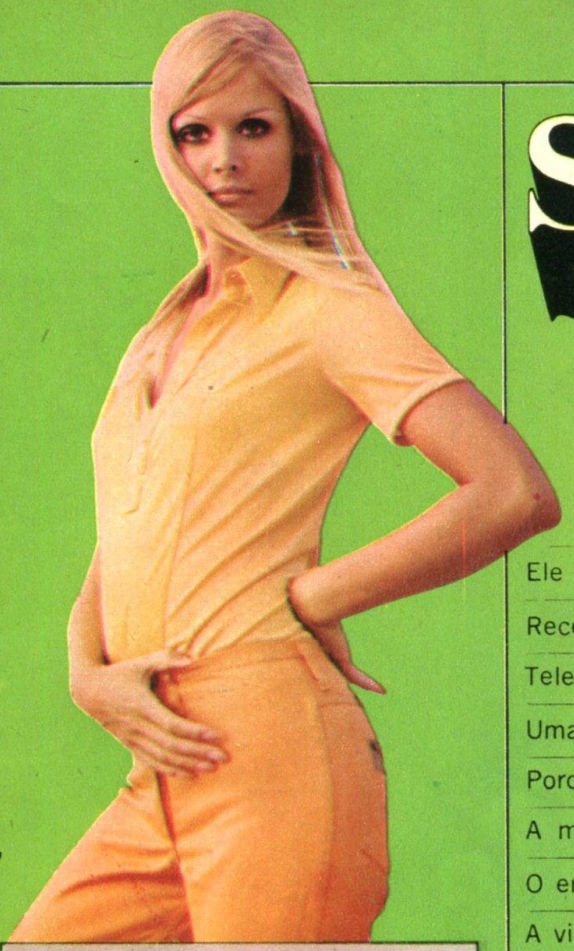
"O importante em Lux é sua espuma, tão rica e cremosa, que, além de limpar, deixa a pele protegida, suave e macia. Lux tem ainda um perfume delicado e realmente feminino".

Faça você também como as estrêlas do cinema. Use Lux, o sabonete de beleza, em quatro lindas côres.

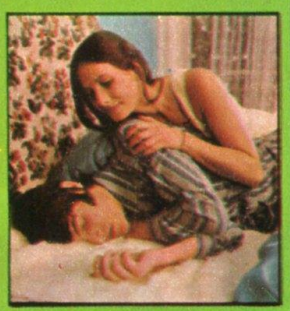
AdultMagazinesPDF.com

www.AdultMagazinesPDF.com

ele ela



De uma forma geral, a nossa época está sendo marcada pela chamada revolução sexual. Contra ou a favor da libertação do sexo, todos têm uma opinião. Neste número, procuramos ouvir aqueles que, em certo sentido, são os mais interessados na questão: os jovens. Deles depende a solução final das crises em que vivemos, pois a eles estão destinadas as chaves que abrirão para a Humanidade o ansiado e sempre adiado mundo novo.



ANO 3 N.° 35 MARÇO DE 1972

Sumário

O que os jovens pensam do sexo	4
Ele só me procura no sábado	10
Receita para não ficar sozinha	16
Telefonemas anônimos	20
Uma jóia não precisa ser jóia	24
Porque a Bahia?	28
A mulher segundo os mestres	36
O erotismo na publicidade	46
A violência	51
Eles & Elas	60
Homem X Mulher: luta ou integração?	68
Butique para dois	74
Pop	76
A poluição prejudica o amor	78
Lauzier e as mulheres	80
Ser bonito é mole	82
Psicologia hoje	84
Elas são boas de câmara	86
A mulher em conflito	90
Um padrasto pode amar a enteada?	94
Você casou com o homem certo?	100
A combinação que provoca o homem	106
Dieta Texana	108
As italianas fora de série	112
Moda	120
Culinária	126
Palavras Cruzadas	130

O que os jovens pensam do sexo

Quais as diferenças fundamentais de conceitos e valores que separam a nova geração da anterior? Uma recente pesquisa americana revelou que, em alguns países, existe um verdadeiro fosso entre pais e filhos, principalmente no que diz respeito à forma de encarar os problemas sexuais.

Para os jovens, muitos tabus devem ser derrubados

NOS últimos anos houve uma verdadeira avalancha de artigos, livros, conferências e entrevistas sobre o chamado **fosso das gerações.** Essa preocupação com o distanciamento entre adultos e jovens tem se tornado um dos mais sérios problemas atuais.

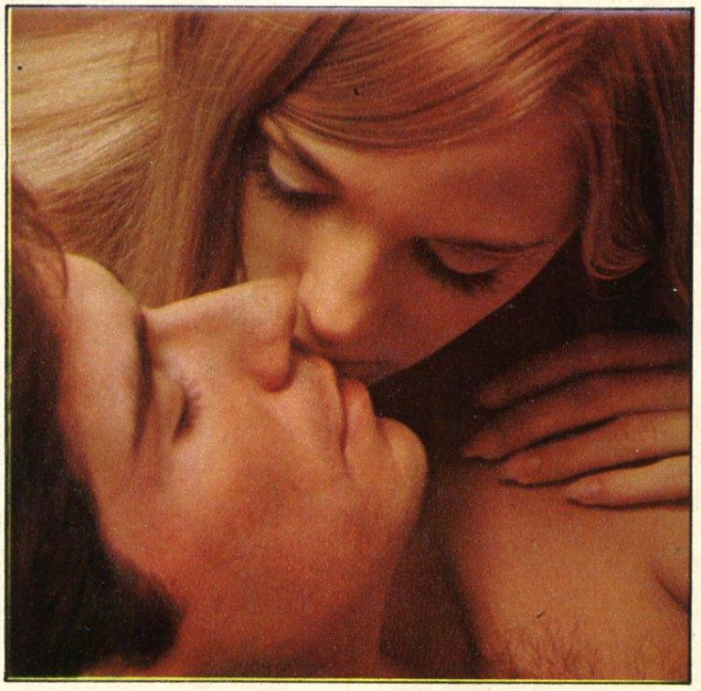
Mas é, sem dúvida, no que diz respeito ao sexo que as gerações apresentam pontos de vista mais diferentes, porém, como se sabe, nem sempre antagônicos. Fala-se em revolução sexual, tentando provar que esta é a razão única do distanciamento. Seria, no entanto, fugir à verdade não aceitar um comportamento sexual diferente entre a geração atual e a anterior. Dizer que existe um verdadeiro **fosso** seria, no entanto, irreal.

Recentemente, nos Estados Unidos, foi feita uma pesquisa importantíssima, de âmbito quase nacional, abrangendo grande parte das universidades americanas, que visava recolher dados preciosos sobre o comportamento sexual dos jovens estudantes e de seus pais. Para isso, questionários foram distribuídos entre estudantes e enviados aos pais pelo Correio. Duas cláusulas deveriam ser respeitadas para que a pesquisa tivesse validade: primeiro, os filhos não deveriam tomar conhecimento do teor das perguntas enviadas aos pais e vice-versa. Segundo, princípios de caráter religioso e moral não deveriam ser considerados, na medida do possível.

O Dr. Robert Bell, que conduziu a pesquisa, procurou abordar sete assuntos que antes eram muito discutidos mas nunca tratados de maneira tão franca. São eles: relações pré-nupciais, virgindade, queda de tabus sexuais, relação amor-sexo, pílula, homem e mulher diante do amor e comunicação entre gerações.

No que concerne às relações pré-nupciais, verificou-se que os pais se preocupam sobretudo com os problemas que podem ser originados em consequência disso, como por exemplo a má reputação da família diante da sociedade em virtude do nascimento de um filho **bastardo**. Além de, para eles, relações pré-nupciais representarem uma falha educacional. Já os jovens se preocupam muito mais com o fato dessa experiência ser ou não um verdadeiro relacionamento entre duas pessoas que se amam.

Quando se perguntou aos pais se eles permitiriam que suas filhas tivessem relações pré-nupciais, a porcentagem dos que se mostraram favoráveis foi muito pequena, como já previra o Dr. Bell. No entanto, surpreendente foi a resposta da quase totalidade dos jovens, quando a mesma pergunta foi feita, só que desta vez em caráter hipotético: quase todos mostraram-se contra.



Quanto ao problema da virgindade, as estatísticas mostraram que esse é um dos assuntos de maior interesse. Ainda que todo mundo pense que o número de virgens diminuiu entre as universitárias americanas, depois da chamada revolução sexual, ficou provado que nos últimos 40 anos a variação foi muito pequena, apesar de haver, mesmo entre os jovens, quem pense de forma diferente.

A verdade é que o comportamento sexual da jovem de hoje não é muito diferente do de sua mãe, quando estudante. Segundo uma psicóloga, participante da pesquisa, esta é talvez a principal razão do excesso de preocupação das mães com relação às filhas.

Para o Dr. Bell, a mudança mais marcante que houve, no que diz respeito à virgindade, foi no tipo de experiência sexual das jovens, nos últimos 4 anos. Em 1969, por exemplo, 28% das jovens que tinham flertes ou namorados e mantinham relações pré-nupciais casaram-se, enquanto que em 1959 não passavam de 15%. Além disso, verificou-se que os casamentos entre universitários aumentaram. Em 1969, 39% dos namorados que mantinham relações pré-nupciais casaram-se, enquanto que em 1959 não se registrou mais de 31% de casamentos entre eles. Extraordinária é a comparação dos dados de 1967 (7%) com os de 1970 (39%).

Ficou bastante claro para os pesquisadores que com essa maior abertura da parte dos jovens, com relação ao sexo, vários tabus vieram abaixo, como é o caso, por exemplo, dos preconceitos em relação aos homossexuais. Declarou uma menina quando lhe perguntaram

Amor não se aprende na escola

sobre o problema: "Achamos que cada um deve ficar na sua se isso trouxer felicidade. Esse negócio de considerar o homossexual um marginal perigoso à sociedade, já era."

O que os jovens realmente querem, de acordo com o que ficou provado na pesquisa, é uma maior liberdade para que eles possam ter seus próprios padrões morais, e não os impostos por seus pais, sobretudo no que diz respeito a sexo.

Comprovaram-se duas coisas, que desmentem algumas centenas de estudiosos que diziam estar o romantismo morto em nossos dias:

A grande maioria dos jovens acha que há uma nítida diferença entre praticar um ato sexual e fazer amor. Para os jovens, um dos principais elementos de diferenciação entre o homem e o animal reside exatamente na prática sexual, na medida em que os animais copulam pura e simplesmente por uma necessidade biológica, enquanto que o homem complementa seu relacionamento afetivo através de um ato de amor.

Verificou-se também que, ainda hoje, apesar de todas as revoluções sexuais, a mulher é mais romântica que o homem. Ela não dissocia amor de sexo, pois, para ela, o amor é o fator maior da atividade sexual.

Curiosas foram as respostas dadas pela maioria dos estudantes sobre suas impressões a respeito da vida sexual dos pais. Eles simplesmente jamais haviam imaginado seus pais como seres sexuais.

Um fato muito interessante, relacionado a isso, foi relatado por uma coordenadora de um colégio americano. Um dia, fazendo um questionário que visava a verificar o aproveitamento dos alunos em educação sexual, recebeu a visita de uma aluna de 16 anos no Serviço de Orientação Educacional. A menina confessou-lhe ter ficado extremamente chocada quando sua mãe, mulher de 40 anos, anunciou que estava grávida: "Eu já sabia das coisas da vida, mas jamais pensei que mamãe fosse capaz disso", disse ela.

No que se refere à pílula, diz o Dr. Bell, não existe essa história de que ela finalmente libertou a mulher. A pílula, de um lado, permitiu que a relação sexual perdesse seu caráter unicamente reprodutivo como antes, passando a ter também um caráter recreativo. Do outro, a pílula permitiu maior segurança, mais prazer e, provavelmente, relações sexuais mais frequentes, mas isso somente para os que mantinham relações antes do seu advento. Segundo o Dr. Bell, seria quase absurdo dizer que algumas pequenas nuanças no modo de encarar a vida sexual fossem a razão do **fosso** das gerações. A verdadeira causa desse distanciamento — diz ele — é unicamente a falta de comunicação entre pais e filhos.

A culpa dos jovens

Observou-se fatos importantes nos resultados dos questionários. Por exemplo: de uma parte, há muito maior comunicação entre mães e filhas do que entre pais e filhos. De outra, através das estatísticas, verificou-se a disparidade das respostas dos pais com relação às dos filhos, no que dizia respeito à fonte de conhecimento sexual.

Os números mostram que 72% dos pais e 63% das mães que responderam a pesquisa, disseram serem eles próprios a maior fonte de informação para os filhos. Ao passo que somente 10% dos pais confessaram serem os amigos, os transmissores da maior parte do conhecimento sexual de seus filhos.

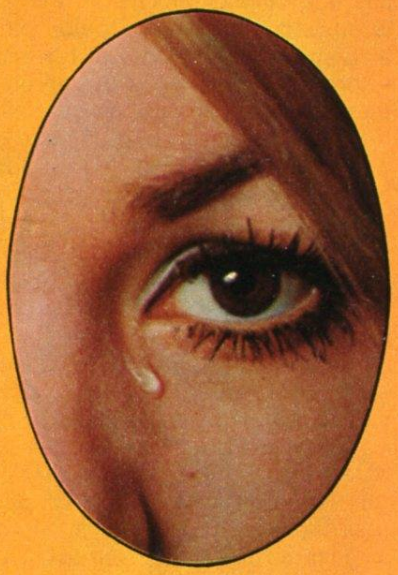
Já os jovens responderam o contrário: enquanto 9% dos rapazes e 29% das moças afirmaram terem sido informados pelos pais, a grande maioria disse ter sido informada por amigos ou simplesmente ter aprendido na prática.

Para que no futuro não se repitam pesquisas com resultados tão desalentadores, um grupo de psicólogos nova-iorquinos resolveu estudar a possibilidade de incluir no currículo de alunos de 10 a 13 anos um curso que os prepare psicologicamente para uma futura vida sexual feliz. Nesse curso haveria aulas de expressão corporal, psicologia, entre outras coisas. Como essa pesquisa está ainda em caráter experimental, não se pode saber se seus resultados serão positivos.

O fato que mais surpreendeu o Dr. Bell, no entanto, foi a constatação de que a grande maioria dos pais não conversava com os filhos por medo de descobrirem que suas idéias estão superadas e temor de não conseguirem alcançar os filhos.

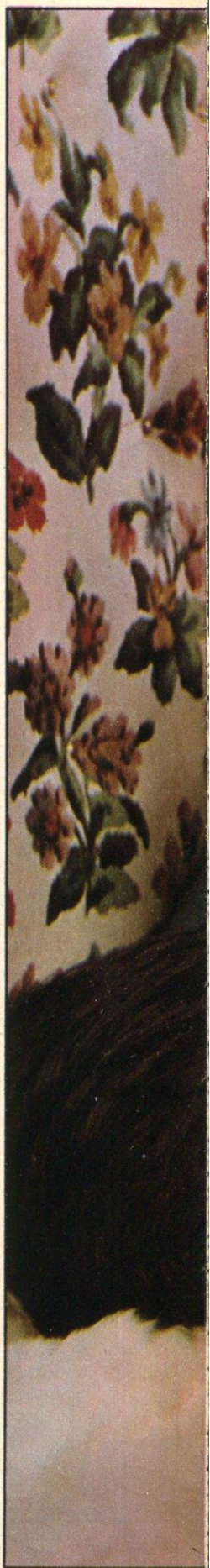
"Ainda que pareça que são os pais os grandes culpados da existência do **fosso**" — diz o Dr. Bell — "é necessário que se diga que os jovens são igualmente culpados. Pois essa falta de comunicação se origina da adoção de estereótipos por ambas as gerações. Estabeleceu-se, por exemplo, que há assuntos-tabus que não devem ser tocados em conversas entre eles. É certo que, à proporção que as gerações vão se estereotipando, o **fosso** entre elas aumentará. Agora, mais do que nunca, é preciso falar, pois do contrário o **fosso** se transformará em precipício, tornando-se ainda mais difícil a comunicação entre as gerações." □

O QUE ACONTECE QUANDO O AMOR ACABA VIRANDO ROTINA



O fato é mais comum do que se pensa. Depois de alguns anos de casamento, ele e ela descobrem que uma série de problemas acabaram transformando o relacionamento num contato frio em que só são trocadas as palavras essenciais. Muitas vezes a preocupação com o sucesso profissional e a competição no trabalho fazem com que o marido esqueça da mulher, permitindo que a rotina e o tédio tomem conta da relação. Se a maioria dos casais consegue superar essa fase com relativa facilidade, em muitos casos a indiferença não pode ser vencida e até o amor passa para segundo plano, tornando-se quase uma obrigação penosa.

ELE SÓ ME AMA NO SÁBADO



AMAR COM HORA CERTA É A MELHOR FORMA DE SE AMAR ERRADO

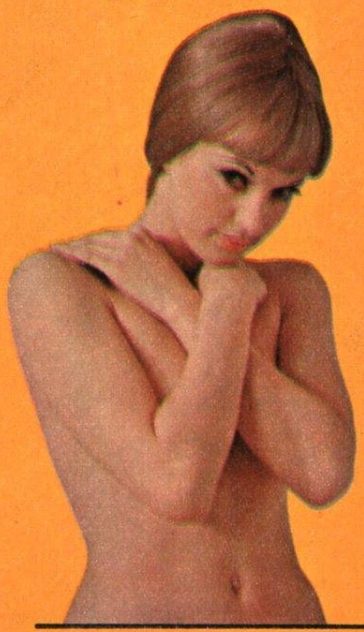
JÁ faz 2 anos que estamos assim. Dois anos, cem sábados, um igual ao outro e para ele, evidentemente, isto basta. Mas eu não me sinto feliz. Estou me tornando inquieta. Sei que deveria me contentar, existem maridos bem piores. Mas estes encontros sob medida me deixam fria. Tenho medo de, dentro de pouco tempo, não sentir mais nada por ele. E, no entanto, quero muito pouco: se ele se lembrasse de mim numa manhã, ao acordar, ou numa tarde, na hora da sesta, tudo seria bem melhor. Será que estou errada? É verdade que muitos casais se comportam como nós? É verdade que para quase todo o mundo o sábado é o dia do amor?" (A. S.)

Porque no sábado e não na segunda-feira? Ou então na quarta? Quem sabe no domingo? Ou em qualquer outro dia? O problema parece simples. Mas não é uma questão de calendário nem de quantidade. É uma situação muito mais complicada. Uma situação que parece curiosa, mas que na verdade é muito séria.

O *ritual* do sábado tem motivações profundas e variadas, mas aparece na liturgia conjugal com uma uniformidade surpreendente: o sábado é o dia do amor. Para ser mais exato, a noite de sábado é a noite do amor. Se quisermos ser mais cruéis, poderíamos perguntar: quantos minutos do sábado são o momento do amor? E porquê?

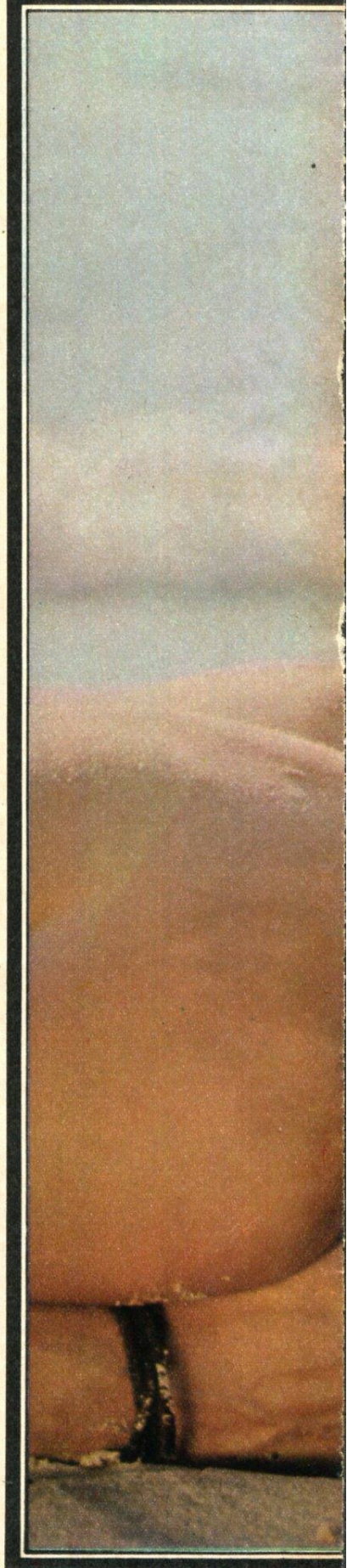
Na Alemanha, na Inglaterra, nos Estados Unidos, talvez a causa deste *amor programado* esteja na necessidade de organização, no espírito ultrametódico característico do homem anglo-saxão. Para este tipo de homem, raramente dotado de uma mente sintética, os acontecimentos da vida devem ser separados em compartimentos estanques de tempo e de interesse. Assim, enfrentando um problema de cada vez, eles se sentem mais seguros e conseguem atingir um certo equilíbrio. É uma espécie de *bem supremo*, em nome do qual tudo deve ser sacrificado. Naturalmente, até o homem anglo-saxão reconhece a força do instinto e a necessidade de *conceder-lhe* um desafogo. Mais ou menos da mesma maneira como os velhos soberanos *concediam* certas liberdades a seus súditos para que tudo continuasse como antes. É uma espécie de carnaval, em que todas as energias são liberadas, uma vez por ano. O *ritual do amor* aos sábados configura uma situação idêntica.

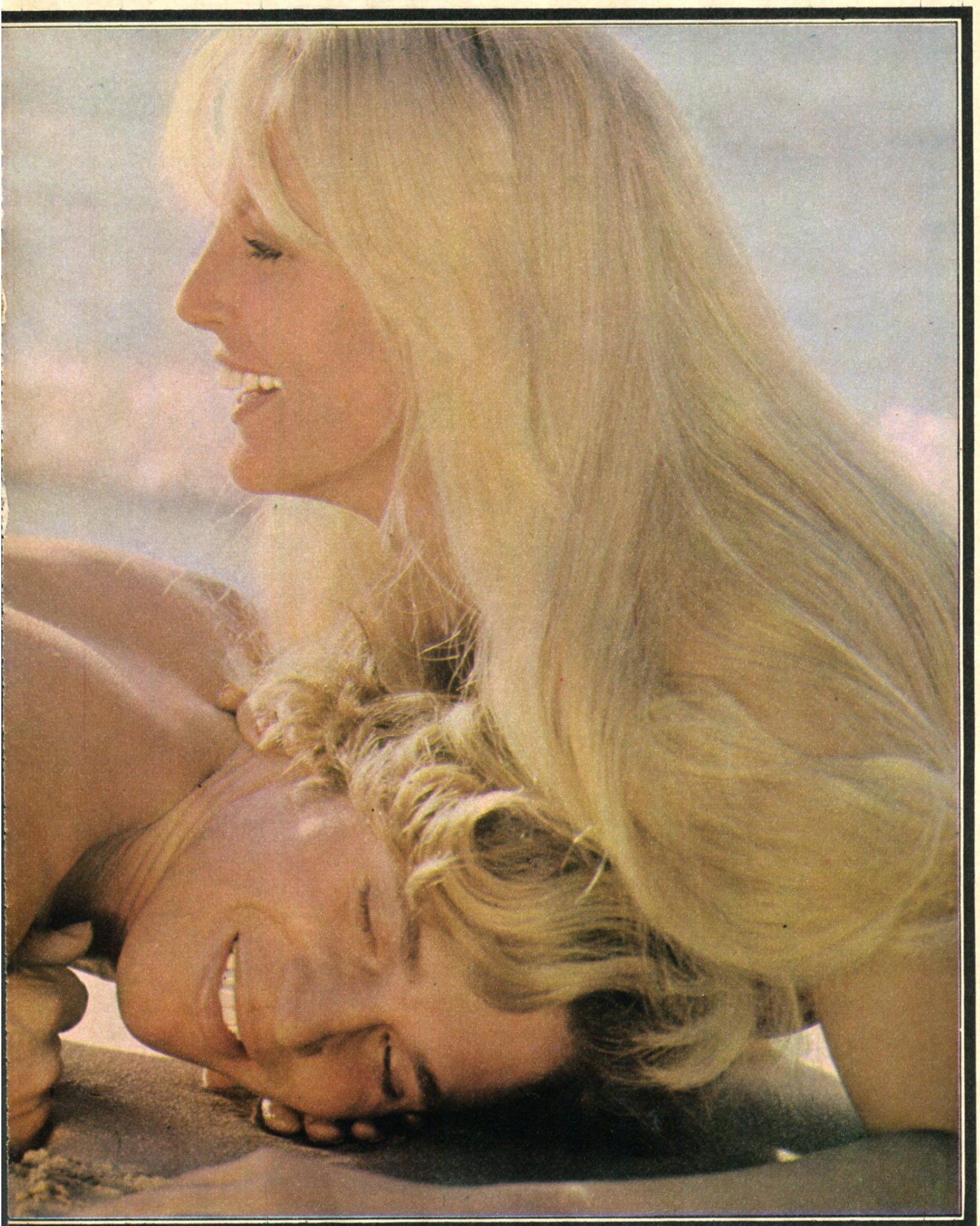
Na Itália, na França, na Espanha e — o que nos interessa — no Brasil, tudo deveria funcionar de forma diversa. Atualmente, no entanto, o resultado prático é quase o mesmo. O homem brasileiro parece ser menos maduro, menos cínico e mais emotivo. Talvez emotivo demais. Nós colocamos a mulher no topo da uma pirâmide construída sobre alicerces preconceituosos. Chegar ao vértice da pirâmide e lá plantar a bandeira que assegura a posse, representa uma vitória sobre temores infinitos, sobre renúncias indescritíveis. Por isso, se pudéssemos, passaríamos toda a vida no alto da construção.

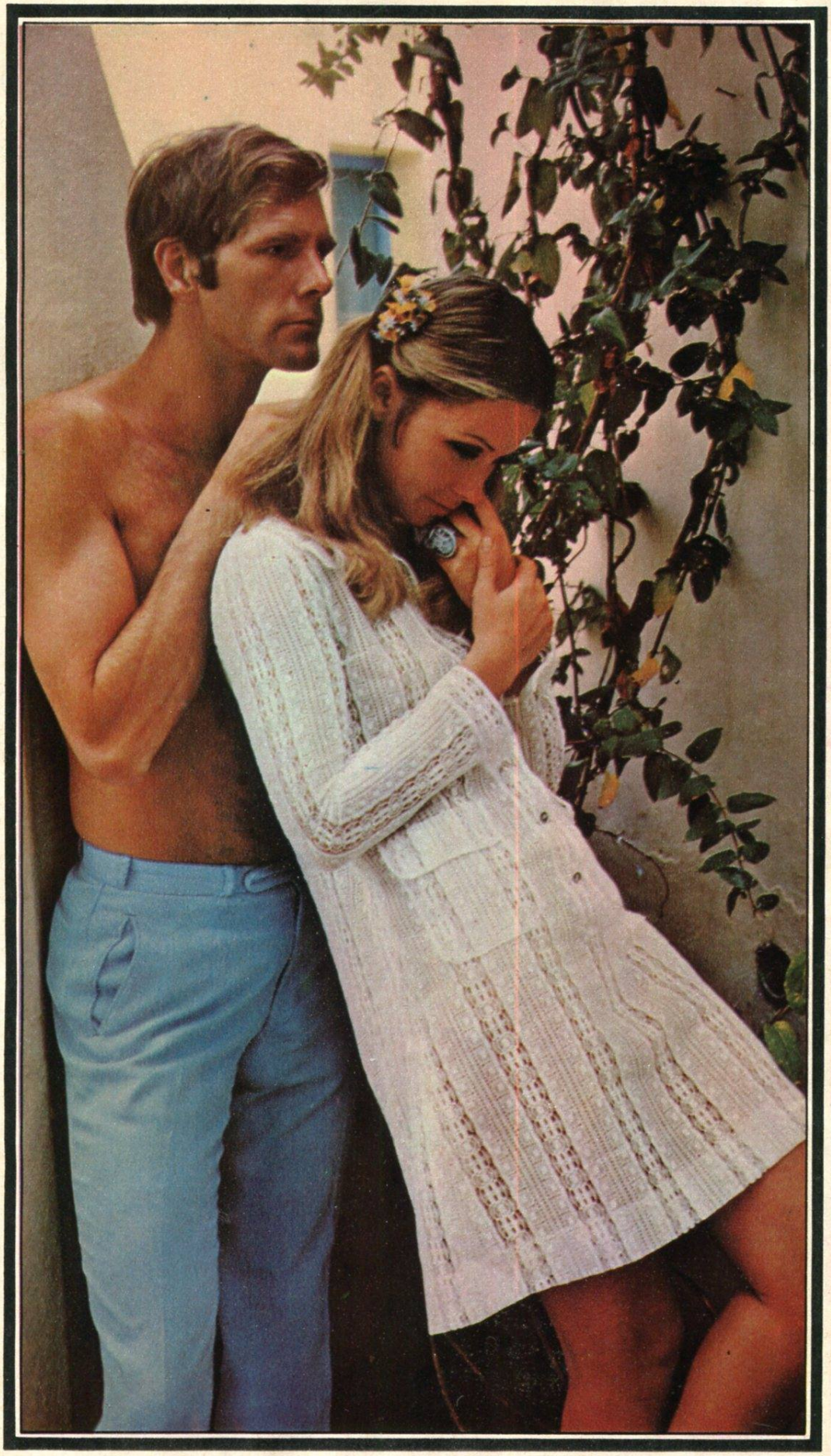


Evidentemente isso é impossível. A vida no trabalho, a inevitável decadência biológica, o condicionamento obsessivo da busca do bem-estar material e a dificuldade cada vez maior de comunicar com os outros em geral e com a mulher em particular, nos impedem de alcançar a realização total nesta *representação final* de potência. O desejo do brasileiro, de uma maneira geral, porque não é objetivo e sincero, só pode decair com o tempo. Mesmo quando se reduz ao encontro de sábado, sempre é menor, sem alegria, sem convicção.

Examinando mais de perto a situação, tudo indica que em tudo isso intervêm outras motivações. Muitos homens acham que o ato sexual desgasta sensivelmente o que poderíamos chamar de *reservas de energias*. Amar aos sábados, tendo pela frente duas noites e um dia de repouso, seria a solução para não ter de enfrentar a luta pela vida em condições de inferioridade. No entanto, os especialistas sabem que o amor só desgasta quando o homem está exaurido por outras razões. Em qualquer outra ocasião, tem sempre um efeito positivo, como uma espécie de equilibrador das tensões nervosas e como redimensionador dos conflitos decorrentes da competição social. Um homem que encontrou a *sua* mulher, evidentemente, não deixa de







se empenhar nesta competição. Mas nunca dá um valor exagerado a ela. Sabe que, aconteça o que acontecer, há sempre alguém a esperá-lo num mundo diferente, feito de confiança e ternura. Para ele, esta é a razão para lutar e vencer.

Mesmo sem chegar a propor um problema de *economia de forças*, a solução do sábado pode decorrer de uma razão muito mais simples. Parece que, podendo dormir até tarde na manhã de domingo, seria mais razoável dedicar-se ao amor na noite de sábado. Na realidade, a perspectiva do repouso é importante apenas porque faz crer ao homem que se tornou livre e, portanto, que tem direito à felicidade, a toda espécie de compensações.

A verdade é bem diferente: o *ritual do sábado* torna-se logo o ritual do tédio, da indiferença. Uma imagem igual a tantas outras, tudo tão semelhante que nada resta para ser lembrado. Mas é possível que o amor seja apenas tédio? Quem já viveu, pelo menos uma vez, a esplêndida verdade do amor, dirá que não. Só que o amor aos sábados nada tem a ver com o amor real. É uma tentativa desajeitada de imitação. No fundo, é um furto, mesmo quando aparenta ser um momento de felicidade.

A razão do engano é simples: todo o problema é visto sob um ângulo só, isto é, o ângulo masculino. Tanto o anglo-saxão como o latino — brasileiro incluído — em sua maioria não amam de verdade suas mulheres. Apenas se servem delas, como se serviriam de qualquer outro objeto de sua propriedade. A mulher, mesmo que isto pareça absurdo, está sempre excluída do jogo.

Neste ponto, é necessário que se faça uma retomada de posição. Se é verdade que o amor só existe quando é a dois, o problema deve então ter duas dimensões e os dois protagonistas devem encontrar-se em um plano de absoluta paridade. O desejo sexual não é um dado constante, nem para o homem, nem para a mulher. A programação de um dia fixo para o amor significa em primeiro lugar a negação dessa igualdade. Poucas vezes os dois parceiros se

sentirão inclinados ao amor sem outra motivação a não ser a do calendário.

E quais são as consequências? Há séculos, quase como num acordo tácito, a iniciativa para o amor tem sido entregue ao homem. O ritual do sábado, na sua dinâmica clássica, coloca o homem — com maior ou menor inteligência e tato — na posição de escolher o momento mais apropriado. Mas será que a mulher está disposta em qualquer momento? Existem dias (os médicos assinalam sobretudo os dois últimos antes da menstruação e os quatro ou cinco imediatamente posteriores) em que a mulher geralmente sente uma necessidade muito maior de relações sexuais. Mas o homem sabe, por acaso, se o sábado é um desses dias?

Na verdade nem se interessa em saber. Em outros dias, por uma razão qualquer, pode acontecer que a mulher não queira nem ser tocada. Por ninguém, nem pelo marido. E ele sabe disso? E se for o sábado? Geralmente ele ignora completamente os dados do problema. A mulher que o acompanhe, afinal ela lhe deve obediência. Mas como não pode *responder* ao encontro sexual, fatalmente ficará de fora no jogo do amor.

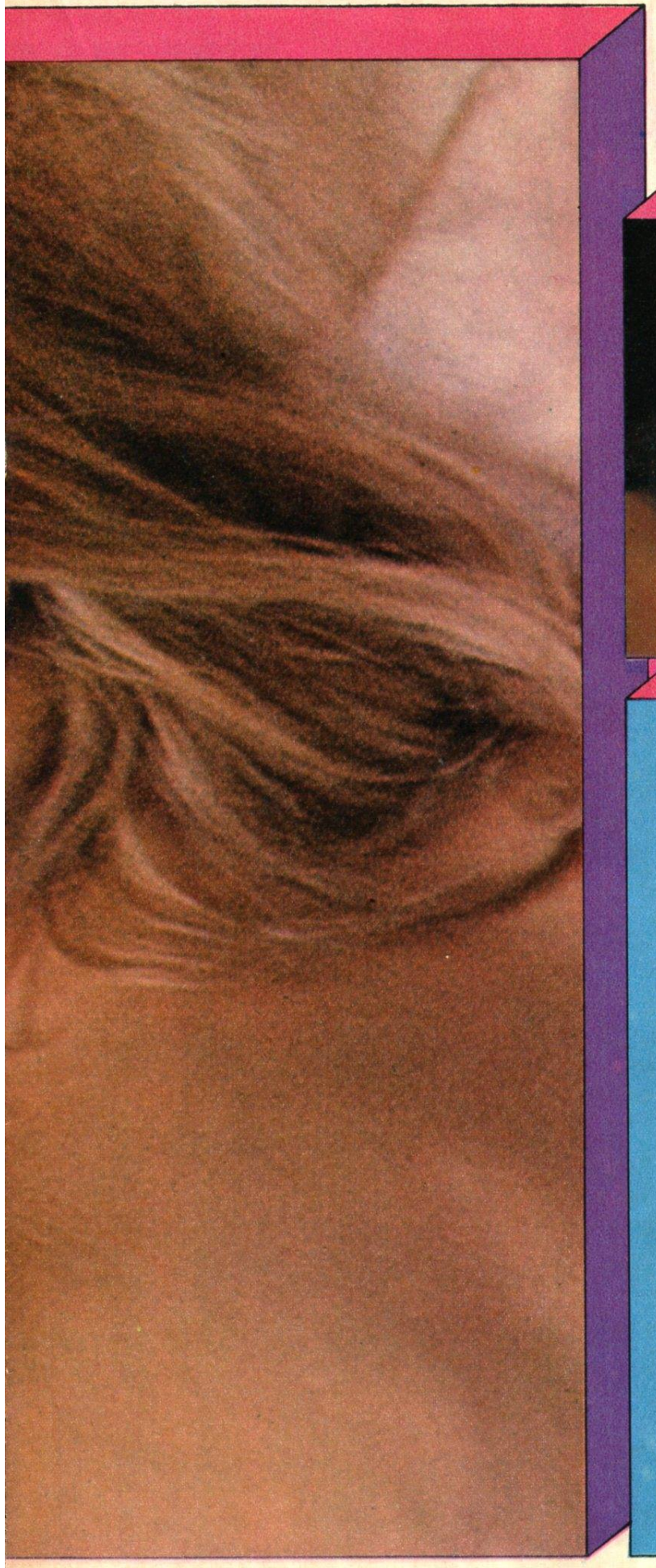
ESTA exclusão é a causa de vários problemas. Os médicos concordam que a não participação ou a participação limitada por parte da mulher no ato do amor provoca doenças psicossomáticas e distúrbios na fisiologia feminina. Os psicólogos observam que pela mesma razão muitas mulheres são levadas, em prazo mais ou menos longo, às neuroses mais diversas. Assim se cria uma reação em cadeia de causas e efeitos que acabam comprometendo até a relação mais equilibrada. E mesmo quando se defronta com a indiferença ou o que chama de *frieza* feminina, o homem sempre atribui a culpa à mulher, sem procurar analisar a situação. Ao contrário, quase sempre aproveita e a usa como um habeas-corpus para escapadas extramatrimoniais. Por outro lado, a mulher conclui que seu casamento é infeliz e (nem sempre, é claro) acaba se conformando. No silêncio de sábado à noite, enquanto o ritual se repete, igual e previsível como sempre, ela se convence de que não é normal. Ou então, se ainda é capaz de analisar a situação e de reagir, descobre que está sendo enganada. No primeiro caso, se fecha, se esconde. No segundo, trata de avaliar sua própria feminilidade e procura uma vingança, facilmente imaginável.

"SERÁ QUE TODOS OS MARIDOS SÃO ASSIM?"

Neste ponto, é bom lembrar que a igualdade absoluta entre parceiros no amor é um direito do homem também. Seria um erro gravíssimo encarar o problema sob o ângulo estritamente feminino. Como a mulher, o homem vive momentos de maior ou menor intensidade amorosa. Às vezes pode sentir até repulsa pelas relações sexuais. Geralmente as mulheres não têm consciência deste fato. Quase nunca se interessam por ele, mesmo quando percebem que alguma coisa não vai bem no relacionamento com o marido. Pode acontecer que algumas consequências negativas se juntem ao ritual do sábado influindo sobre a conduta masculina. Um homem que se sente obrigado a amar num dia determinado, mesmo quando não está disposto, forçosamente mostrará pouco interesse. Não se deve esquecer, ainda mais, que a mulher pode simular desejo, o homem nunca.

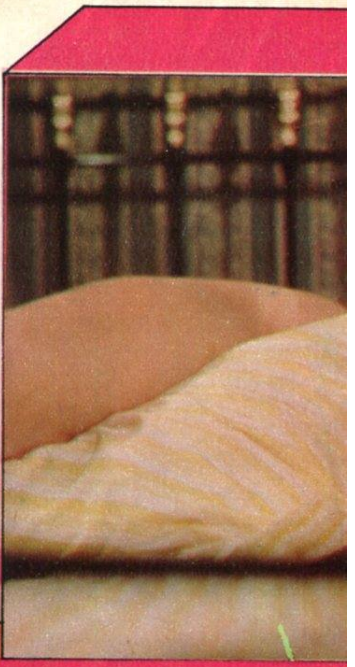
Parece quase inacreditável que pouquíssimos casais sejam capazes de conversar normalmente sobre um problema como esse, no fundo tão fácil de resolver. A maioria se esconde no silêncio, cada um de um lado de uma barricada imaginária, preocupado somente com seu próprio interesse. Mas será que pode subsistir algum interesse pessoal, de qualquer espécie, quando um homem e uma mulher escolheram viver juntos? Mesmo quando se passaram muitos anos e o casamento revelou ser algo de muito diferente do que se imaginava durante o noivado, homem e mulher têm um só interesse: o de continuarem juntos da melhor maneira possível. Evidentemente é um interesse comum, nunca uma preocupação unilateral.

O sexo desempenha um papel determinante no equilíbrio de um casal. Para alcançar este equilíbrio é necessária uma confiança constante, um entendimento que torne possível o diálogo sobre qualquer assunto, sobretudo os mais difíceis e embaraçosos. Nunca se deve dizer: "Tenho vergonha" ou "isto é problema seu". É preciso tentar sempre. E insistir, com a consciência de que o que está em jogo é algo de muito importante. □



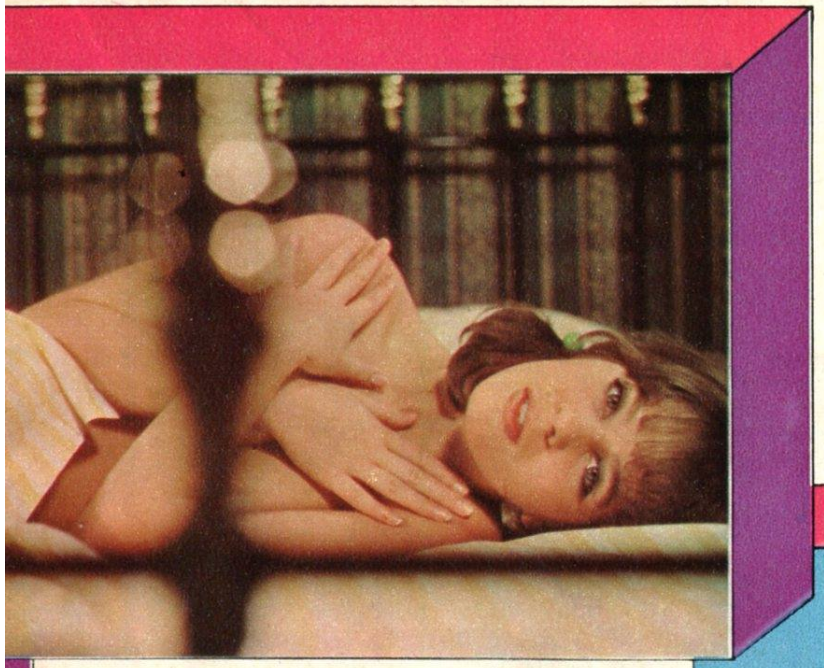
RECEITA PARA NÃO FICAR SOZINHA

Você pode ser uma mulher bonita (ou um homem bonito). Você é inteligente, bem sucedida (ou sucedido) etc. e tal. Apesar de tudo, sempre está sozinha (ou sozinho). Todas as suas experiências fracassaram. Você procura em volta e não encontra o motivo que explique a sua solidão. Damos, a seguir, algumas frases que podem ser a causa (ou a não causa) deste isolamento que tanto maltrata aqueles que buscam, no outro, a grande compensação das asperezas da vida.



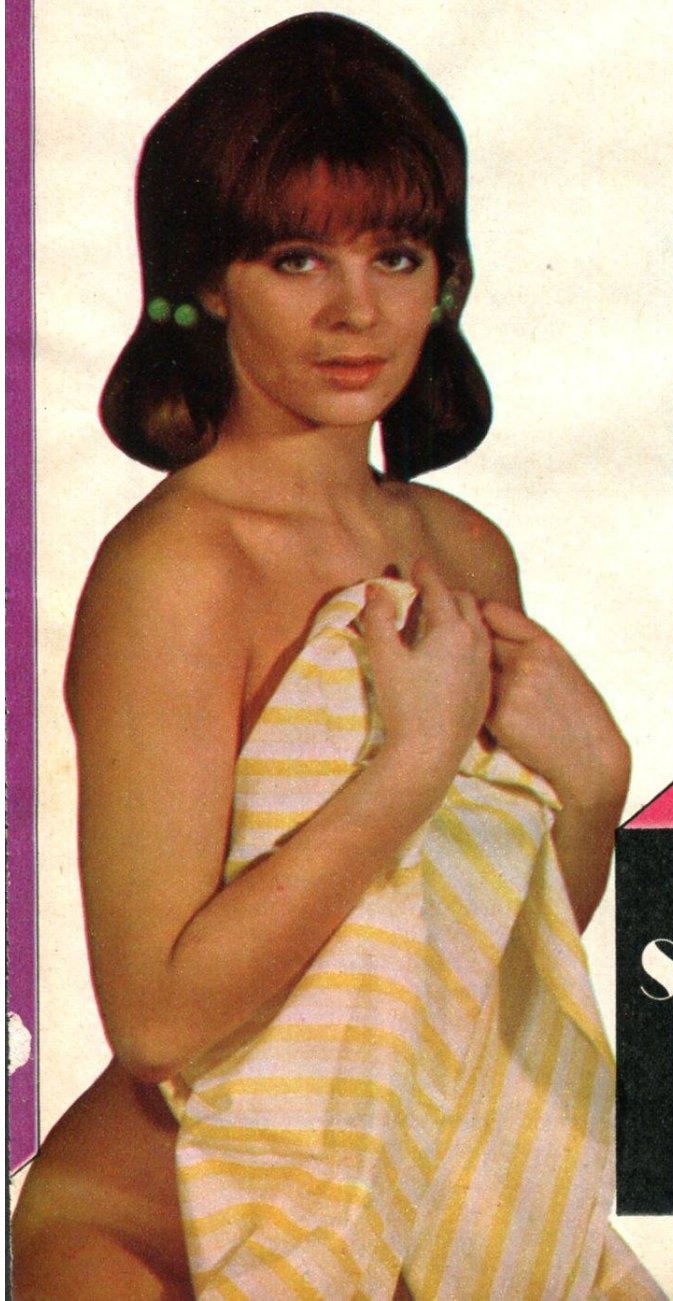
PARA SEMPRE FICAR NA PIOR

- Quanto é que você pesa mesmo?
- Aposto que você leva 3 minutos para correr 2 quilômetros.
- Escuta, você conhece aquele livro de Masters e Johnsson. . . ?
- Tem um sujeito de binóculo olhando para a gente!
- Bem, se isso não adianta, nada adianta para você!
- Faz cócega!
- Não consigo respirar.
- Acho que tocaram a campanhia.
- Deixe ver... será que tomei a pílula de manhã?
- Meu Deus do céu! São apenas 7 horas da manhã!
- Quem sabe, a gente compra um TV
- Eu sei que esse cachorro não gosta de ficar na rua, mas ele precisa ficar pulando em cima da cama o tempo todo?
- Você lembra daquela da menina que ficou grávida na piscina?
- Não dava para a gente tirar esses cobertores da cama?
- Essa infecção aqui nos meus seios não é nada séria, mas o médico não conseguiu fazer nada.
- Jogou o lixo no incinerador?
- Já tomou o sorvete?
- Poxa! Você está melhorando!
- Você se incomodaria de ir dormir no sofá? Sabe, não consigo dormir quando tem outra pessoa na minha cama.
- Você hoje comeu peixe?
- Muito obrigado. Solte os 100 contos agora por favor.



PARA NUNCA FICAR SOZINHA

- Seu corpo é tão proporcional como o Davi de Michelangelo.
- Numa escala de 1 a 10 *isso* foi doze!
- Você é um dos raros homens que são mais bonitos com roupa.
- Esse é o melhor café da manhã que já tomei na minha vida.
- Todos os meus amiguinhos o invejam.
- Todas as minhas amigas me invejam.
- Não vá trabalhar hoje!
- Foi você quem escreveu o *Homem Sensual*?
- Como é que pode uma coisa tão boa não engordar?
- A prática é a mãe da perfeição.
- Meu Deus — *isso* acabou com os meus seios!
- Com você me sinto como se fosse Jeanne Moreau!
- Fica lindo sem os seus óculos!
- Nada é mais gostoso do que dormir com um homem como você.
- Você tem forças para dormir com seis mulheres... Mas cuidado, não quero apanhá-lo com nenhuma delas.
- Mais uma vez?
- Em nome de quem faço o cheque?



O IMPORTANTE É SABER ESCOLHER A FRASE CERTA NA HORA CERTA

Deixe que a beleza lhe suba à cabeça.

Sua própria beleza.
Deixe Instant Color de Clairol, a tintura permanente de aparência natural, cuidar de seus cabelos. Dar a eles a cor, o brilho e a maciez que eles merecem.
Com Instant Color de Clairol você mesma clareia, escurece, dá mais intensidade à sua cor natural ou cobre os cabelos grisalhos.
Em sua própria casa. Sozinha.
E tudo o que você precisa para uma aplicação fácil e rápida, já vem dentro da caixa: a tintura permanente, o aplicador com a quantidade exata de loção reveladora, o par de luvas plásticas e o folheto com as instruções.

Experimente Instant Color de Clairol, a tintura permanente, de aparência natural. Em poucos minutos você vai se sentir muito mais bonita. Muito mais você.

Instant Color
de CLAIROL®

A TINTURA PERMANENTE DE APARÊNCIA NATURAL.

CLAIROL®
Líder mundial em tinturas para cabelo.

CIN

NESTLÉ

FAZ O MELHOR CHOCOLATE

O MELHOR?

Não somos nós que o dizemos.
Dizem todos os que entendem de chocolate.
Na rua, nas lojas, em toda parte.
Não é de estranhar: usamos o melhor cacau que existe, o mesmo cacau que os franceses, os italianos e os suíços mandam vir do Brasil.
O leite? É Nestlé.
Mas ainda não está dito tudo.
Agora o Chocolate Nestlé é produzido em Caçapava, São Paulo, na maior e mais moderna fábrica de chocolate da América Latina.
Da próxima vez, por que você não exige Chocolate Nestlé?

Fórmula certa. Opala Cupê De Luxo.

Chevrolet continua na frente. E põe pra rodar sua fórmula mais recente, o Opala Cupê De Luxo.

Um fastback como ainda não havia na indústria nacional. Um verdadeiro hardtop. Desça os vidros e verifique: não há coluna. Côres lindas, inclusive metálicas. Painel de instrumentos completo, repleto de bom gôsto.

Potência: o motor Chevrolet 2500 de 4 cilindros ou, como opção, o Chevrolet 4100 de 6 cilindros.

Confôrto: o lindo revestimento interior, o carpete como nenhum outro, bancos individuais, espaço para a bagagem de 6 pessoas, no enorme porta-malas.

Desempenho: um carro bem equilibrado, de grande aceleração, frenagem segura, faróis ainda mais poderosos, estabilidade nas curvas.

Fórmula certa para você: com as opções: 4 marchas no chão, contagiros, freios a disco nas rodas dianteiras, teto de vinil prêto, branco ou bege, desembaçador, tração positiva, barra estabilizadora traseira, aquecedor e rádio.

Opala de Luxo, Fórmula Certa.

Vá ver e dirigir o Fórmula Certa num Concessionário de Qualidade Chevrolet.

A fórmula é tôda sua.

Opala **Acima de tudo, qualidade Chevrolet.**

AS MULHERES SEGUNDO OS MESTRES

As mulheres sempre foram assunto para os grandes pensadores. Como o Zezinho da anedota, todos eles – com raras exceções – só pensavam em mulher. Afinal, mais do que filósofos, eles eram homens.

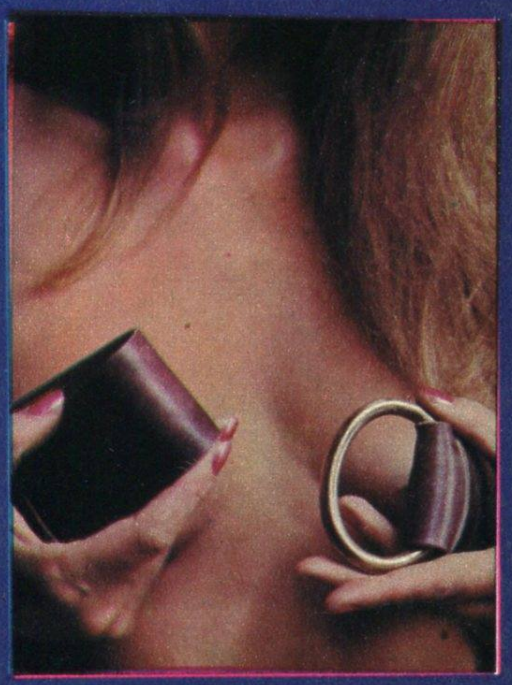
O mundo é guiado por uma força irracional e não, como se acredita, pelas rígidas combinações cartesianas. A prova é a existência da mulher."
(Salvador Dalí)

AS mulheres não estão totalmente erradas quando recusam-se a aceitar as regras de vida introduzidas no mundo, tanto mais que todo mundo sabe que foram os homens que as fizeram sem ao menos consultá-las."

Dizem que a mulher é o sexo fraco. Paradoxalmente dizem também que ela é um diabo. Concordo com a segunda afirmação. Só que ela é muito mais aperfeiçoada e deliciosa."
(Victor Hugo)

AS junţas das tuas coxas são como uns colares que foram fabricados com mão de mestre. Teu umbigo é uma taça feita ao torno, que nunca está desprovida de licores".
(Salomão)

O erotismo na publicidade



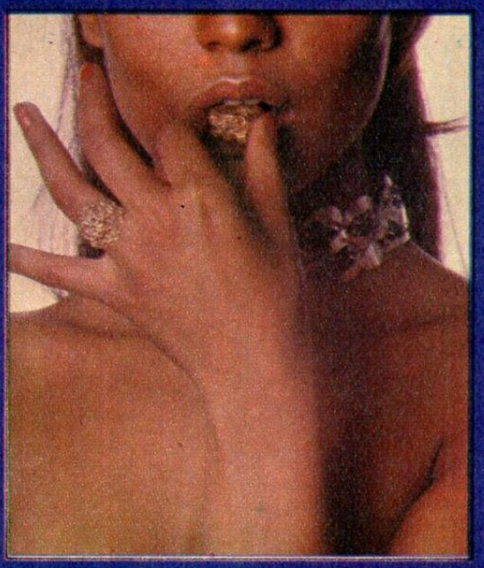
O primeiro objetivo da publicidade é chamar a atenção do consumidor para o produto que se quer vender. Como a maior parte do interesse *disponível* das pessoas se dirige para as coisas do sexo, a publicidade moderna utiliza o erotismo até em anúncio de geladeira. O recurso mais comum consiste em associar o produto à imagem de uma bela mulher, porque ninguém deixa de reparar numa bela mulher: os homens, por motivos óbvios, e as próprias mulheres, por hábito de comparação. Mas agora que todo mundo já percebeu a jogada, não basta uma pose de mulher para vender alguma coisa. É preciso que a mensagem seja original, inteligente, de bom-gosto. A técnica de sugestão dos melhores anúncios de hoje, cujas sutilezas analisamos aqui, envolve todo um conhecimento da psicologia humana que remonta às descobertas de Freud.

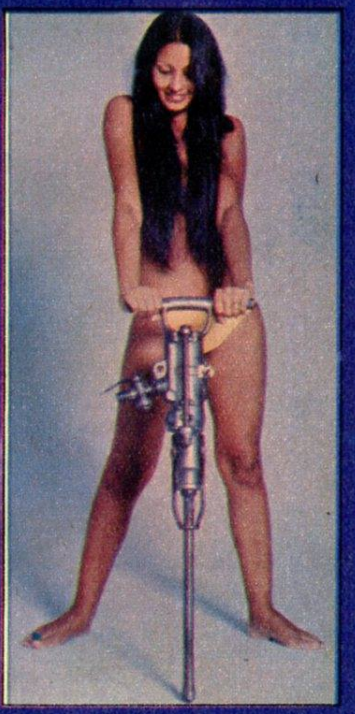
que nada tem a ver com erotismo inclui uma foto de mulher, vestida ou não. É o caso de geladeiras, televisores, automóveis e liquidificadores, por exemplo. A imagem feminina também não é necessariamente dirigida ao homem, que normalmente não entenderia a relação existente no cartaz ou filme. O objetivo, no caso, é estetizar o produto a ser consumido, dando-lhe um requinte que dificilmente seria percebido à primeira vista.

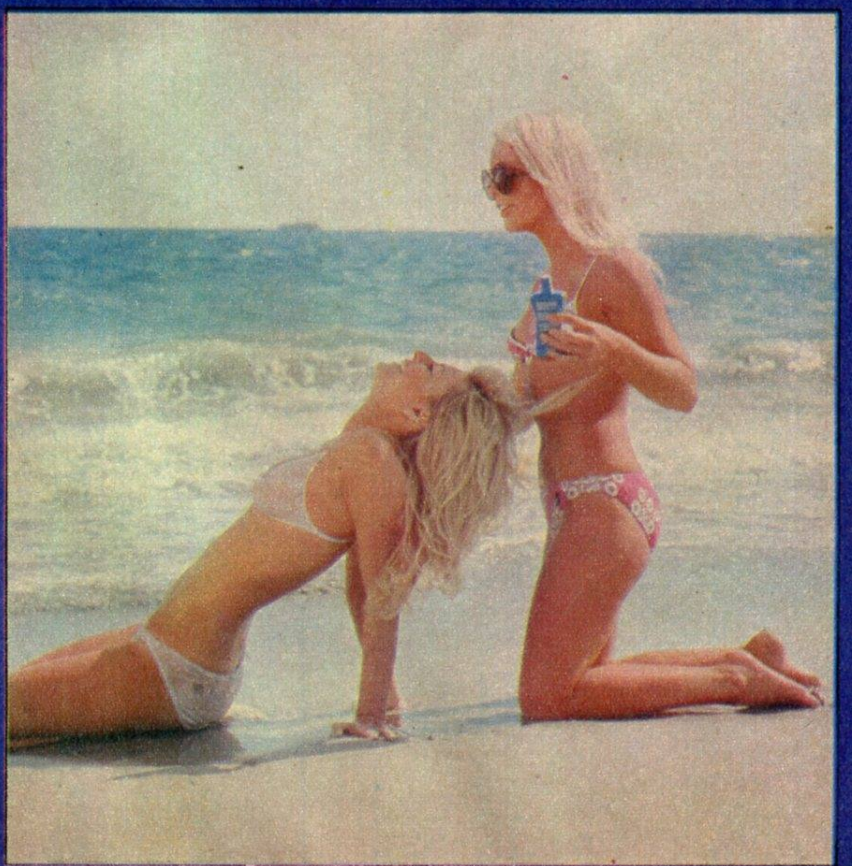
A entrada da mulher como objeto publicitário e massa consumidora teve sucesso depois da primeira guerra, já nos primórdios dos movimentos feministas (*Roaring Ladies*), por volta de 1923. A própria estrutura que admitiu as mulheres como força de trabalho, viu nascer um novo mercado consumidor. Daí surgirem a princípio as fábricas de cosméticos, mais cuidado no acabamento dos produtos, embalagens mais sofisticadas, criando-se um verdadeiro clima de concorrência no setor dos gastos femininos. E a expressão *gastos femininos* tomou logo novas dimensões quando se descobriu que as mulheres eram responsáveis por grande parte (em alguns países, a maior parte) das despesas incluídas no orçamento familiar.

Atualmente os movimentos feministas fazem carga cerrada contra o que chamam de *coisificação* da mulher nas artes e na publicidade. Betty Friedan diz que "os sutiãs, certas revistas eróticas, os fabricantes de cosméticos, de ligas, de cintas, todos exploradores do nosso sexo, devem ser repudiados como símbolo de opressão". Evidentemente a opinião de Miss Friedan não é a mesma da grande maioria das mulheres que continuam comprando e posando para anúncios. E a função da publicidade é exatamente esta: aumentar as vendas, mostrando o produto, esclarecendo e possibilitando ao consumidor a escolha, pela comparação. A velha frase do "Quem não anuncia se esconde", continua a valer. E, para tranquilizar os mais preocupados com o uso do erotismo na publicidade, talvez sirva um dos *mandamentos do publicitário*, do famosíssimo David Ogilvy: "Nunca faça um anúncio que você não possa mostrar à sua família." □

Ela é a alma dos anúncios







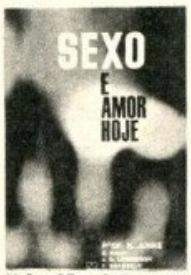
V. é moderna?

Está certo, mas não pode dizer que não leu estes livros

N.º 84 - Cr$ 7,00

N.º 206 – Cr$ 14,00

N.º 55 - Cr$ 10,00



N.º 65 - Cr$ 12,00

N.º 203 - Cr$ 10,00

N.º 76 - Cr$ 7,00

BLOCH EDITÔRES

Rua Frei Caneca, 511 ● ZC 14 ● Rio de Janeiro ● GB

Favor enviar-me pelo Reembôlso Postal o(s) livro(s)

☐ 84 ☐ 206 ☐ 55 ☐ 65 ☐ 203 ☐ 76

Nome .....

Endereço .....

Cidade ..... Estado .....

Via Aérea ☐ Porte Simples ☐ EE 35

BLOCH EDITORES S.A.

Diretoria:
ADOLPHO BLOCH
OSCAR BLOCH SIGELMANN
PEDRO JACK KAPELLER

Diretores:
A. FERRARA, DIRCEU TORRES NASCIMENTO
H. W. BERLINER, ISAAC EDUARDO HAZAN,
MURILO MELO FILHO

Departamento de Jornalismo:
ARNALDO NISKIER

Diretor Responsável:
NELSON ALVES

êle ela

UMA REVISTA PARA LER A DOIS

DIRETOR-EDITOR: Justino Martins
DIRETOR-EXECUTIVO: Carlos Heitor Cony
DIRETOR DE ARTE: Serge Elmalan
REDATORES: Flávio de Aquino, José Haroldo Pereira, Sérgio Ryff e Paulo Perdigão
REPÓRTERES: Lúcia Helena Souza de Paiva, Anna Maria Knoblich de Souza
ARTE: Jorge Alípio Germano
FOTOGRAFIA: Nicolau Drei e Jáder Neves
PESQUISA: Muniz Sodré
PRODUÇÃO: Nelson Sampaio
PROMOÇÃO E PROPAGANDA: Francisco Lins
CIRCULAÇÃO: Francisco Távora Heitmann
DEPARTAMENTO COMERCIAL: Roberto Vasconcellos
PUBLICIDADE: Luiz Fernando Pinto Veiga, Roberto Werneck Antunes e Acúrcio Rodrigues de Oliveira
PROJETOS ESPECIAIS: Francisco Augusto Nascimento, Fernando Câmara Cascudo e Everaldo Rocha
ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO: Rua do Russell, 804, Tels.: 265-2012 e 265-2112, Rio de Janeiro GB
CIRCULAÇÃO: Rua Frei Caneca, 511, Tels.: 232-4355 e 231-3965, Rio de Janeiro GB
PARQUE INDUSTRIAL: Rua Cordovil, 520 - Lucas, Tels.: 391-0020 e 391-6000, Rio de Janeiro GB
DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora Imprensa Ltda., Rua do Resende, 100, Tel.: 222-8817, Rio de Janeiro GB
PARÁ: Ronald de Carvalho, Rua Antônio Barreto, 795, Tel.: 9506, Belém
PERNAMBUCO: Av. Conde da Boa Vista, 85, 12.º andar Tel.: 226-807, Recife
BAHIA: Wilter Santiago, Rua Bonifácio Costa, 1, Tel.: 3-2568, Salvador
BRASÍLIA: Newton Rossi, Escritório: Edifício Márcia, Setor Comercial Sul. conjunto 403/405, Tel.: 23-0611 Oficina: Setor de Indústrias Gráficas, lote 939, Tel.: 23-8163
MINAS: Lúcio Portella, Av. Afonso Pena, 1.500; 16.º andar - Tel.:24-7107, Belo Horizonte
SÃO PAULO: Salomão Schvartzman, Arnaldo Vitulli, Paulo Poucinha e Ícaro Pasquini, Rua 24 de Maio, 35 - 11.º andar, Tel.: 37-9591
PARANÁ: Hélcio José Gonçalves, Rua Marechal Deodoro, 211, conjunto 805, Tel.: 24-8263, Curitiba
RIO GRANDE DO SUL: Edgard Wallau Júnior Rua Otávio Rocha, 115-18.º, Tel.: 244-744, Pôrto Alegre
NOVA IORQUE: Sérgio Alberto Cunha, 680 Fifth Avenue Room 2.306, New York - NY 10.019. Tels.: 246-8870 e 246-8871, Telex: 421-918
DIRETOR PARA A EUROPA: Cláudio Mello e Souza
PARIS: Cláudio Mello e Souza e Sylvio Silveira, 42, Cours Albert-1er 3ème étage-droite, Paris 8. Tels.: 256-3243 e 256-3223, Telex: 28240
LISBOA: Rua Castilho, 77, loja 3, Tels.:56-3181 e 56-3182, Telex: 1213
MILÃO: Roberto Barreira, Corso Vittorio Emanuele, 26, 4.º Piano, Apt. 5 Tel.: 79-4311, Milão

Impressa com tintas Bloch

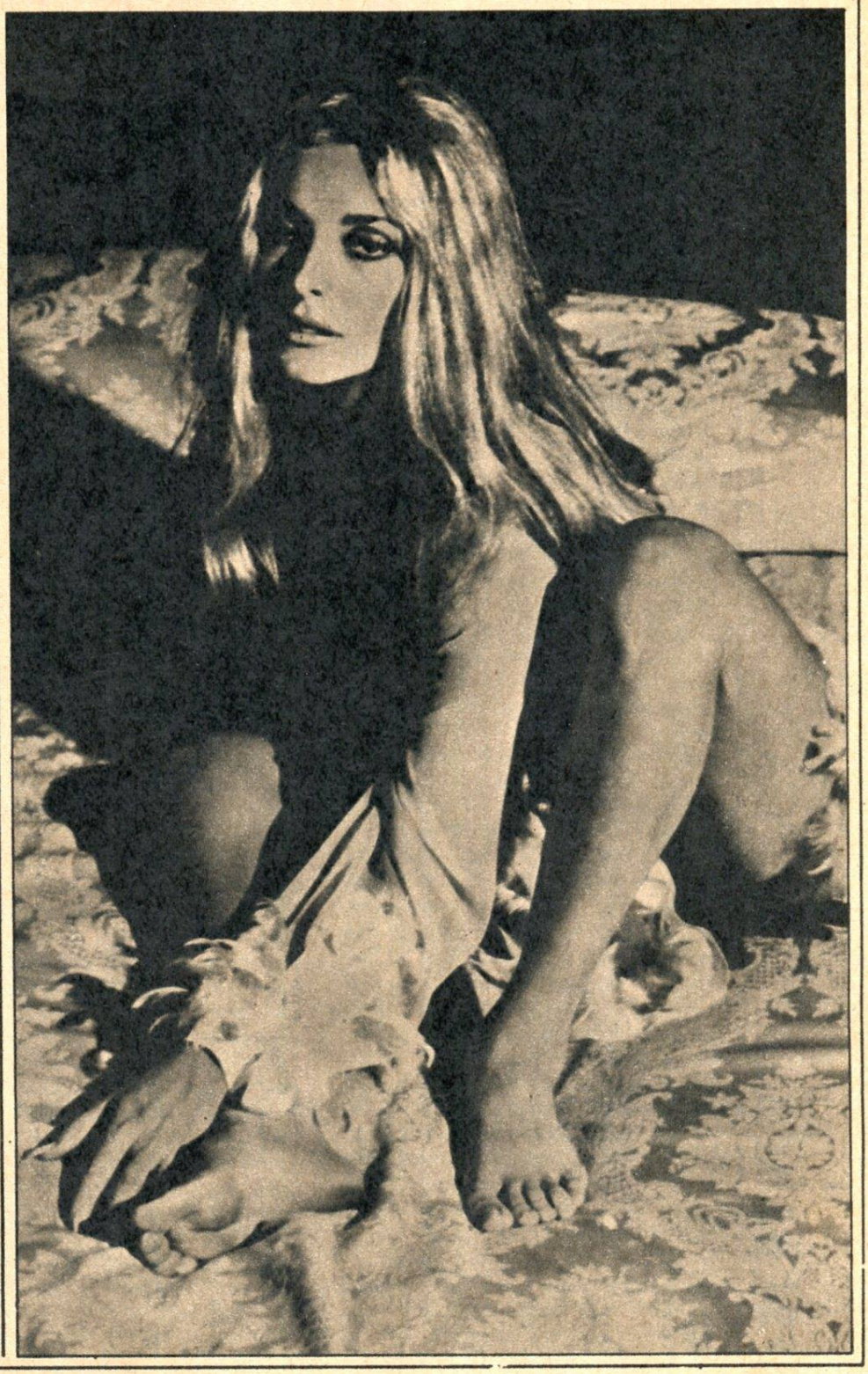
ELE ELA É ASSOCIADA DO IVC

VIOLÊNCIA

O ASSASSINATO de Sharon

Tate, grávida de oito meses, talvez tenha sido a manifestação de violência individual mais chocante dos últimos anos, ainda mais inexplicável porque desprovida de qualquer motivação. Mas a verdade é que a violência é um fenômeno coletivo que explode nas guerras, nos conflitos raciais e assume as formas mais brutais e inesperadas.

JOEL SILVEIRA



UMA EXPLOSÃO DE ÓDIO

Quando emudeceu o último canhão e explodiu a última bomba da II Guerra Mundial e os estadistas das nações vencedoras deram início ao trabalho de reconstruir o mundo, um anseio único parecia unir todos: — o estabelecimento de uma paz duradoura, definitiva, que livrasse a humanidade para sempre dos horrores da guerra. Tal anseio se justificava mais ainda pelo fato de o mundo ter acabado de passar por uma das provas mais sangrentas da sua história, prova que chegara mesmo a ameaçar de morte alguns dos preceitos — como a liberdade e a decência — sem os quais a própria existência do homem perde sua razão de ser. Em agosto de 1945, quando o Japão se rendeu aos norte-americanos, repetindo quatro meses depois o que já fizera a destroçada Alemanha hitlerista, chegava ao fim uma guerra que deixara atrás de si cerca de 60 milhões de mortos, tombados nos campos de luta da Europa, da África e da Ásia; além disso, a sangrenta disputa que durante seis anos havia mergulhado o mundo num mar de sangue, deixara terríveis e novas lições de barbárie e violência, entre as quais se destaca, pela sua crueldade, o espantoso genocídio de mais de seis milhões de judeus, assassinados nas câmaras de gás de Heinrich Himmler. A crueldade humana atingira, no decorrer daqueles sombrios seis anos, alturas jamais registradas antes, nem mesmo quando do império, na Europa, das hordas de Átila, o bárbaro por excelência.

Saindo, assim, de tão vasta sangueira, de tanta ignomínia e tanto opróbrio, não era de espantar que os homens que iriam lançar os alicerces de um novo mundo — um mundo de Paz e Justiça — estivessem todos dominados pela louvável intenção de impor a esse novo mundo normas, leis e pactos que garantissem, em bases permanentes e justas, o convívio das populações, sob o inviolável império da lei. Desde logo, ficara estabelecido, nas mesas das reuniões internacionais, que em hipótese alguma a guerra deveria ser avocada como solução, secundária ou prioritária, circunstancial ou intransponível, para qualquer conflito entre os estados. A prescrição da guerra como recurso para dirimir contendas ou satisfazer ambições, se tivesse sido alcançada na prática como o fora na teoria dos tratados e dos acordos, já teria, por si, representado para a humanidade uma conquista sem preço.

Todas essas esperanças, contudo, de paz, concórdia e justiça, tão presentes na consciência dos estadistas do pós-guerra, não tardaram a se desvanecer. Pode-se mesmo dizer que o primeiro tiro do novo conflito foi disparado já no dia seguinte ao último tiro da última guerra. Claro, ainda não tivemos, ostensivamente declarada e perfeitamente delimitada, uma Terceira Guerra Mundial. Ou a temos todos os dias, num esgarçar de conflitos que — verdadeiras guerras, tão sangrentas e tão mortais como qualquer guerra — se repetem quase que diariamente e que há já um quarto de século vêm inquietando o mundo, ferindo de morte povos inteiros, ceifando feroz a juventude, violando pactos e acordos, semeando destruição, fome e terror pelos quatro cantos do mundo.

Bem recentemente, o semanário francês *L'Express* nos dava esta espantosa estatística: desde o fim da última Grande Guerra, mais de cin-

LOGO após o fim da Segunda Guerra Mundial, a humanidade ansiava por um período de paz e tranquilidade. Mas a violência voltou a se impor invadindo até as cidades, como em Paris, nos movimentos de maio de 1968.

etic Sports

Londres como nas principais capitais da América Latina — os jovens rebelam-se menos contra os poderes constituídos do que contra o que eles representam como defensores de um *status* político, econômico e social no qual apontam o principal culpado pelos terríveis morticínios e insuportáveis pressões que o mundo vem sofrendo de 1914 para cá. É a "contestação global"; a negação de todos os valores até então tidos como sacrossantos e inatingíveis; a repulsa às fórmulas de gabinete que se mostram inoperantes quando têm de tratar na prática com os cada vez mais complexos, intricados e dolorosos problemas da humanidade.

Uma doença das sociedades desenvolvidas

Num dos seus artigos, James Reston, considerado hoje o mais importante comentarista político norte-americano, escreveu: "A lei e a ordem já não se coadunam com as modernas interpretações de justiça, por isso temos desordens. As nações elaboraram um vasto aparato para a solução pacífica de controvérsia, mas este não funcionou no Sudeste asiático ou no Oriente Médio, ou na Coréia, ou no subcontinente indiano. Operários e patrões fizeram o mesmo no campo dos acordos coletivos de trabalho, mas Martin Luther King foi assassinado durante uma greve de lixeiros, em Memphis. As universidades estão dialogando com os estudantes, mais do que nunca, hoje em dia, mas até mesmo as mais perfeitas comunidades universitárias, que deveriam ser como cidadelas da razão, estão no caos. A resposta não é a de que estamos fracassando na busca do progresso. A rebelião dos negros dos Estados Unidos coincide com um período histórico em que o negro obtém maiores ganhos econômicos e sociais do que em toda a história do seu povo. Mas, por toda parte, as expectativas superam os resultados, a minoria militante supera a maioria indiferente, e a palavra paciência transformou-se em um palavrão."

E é precisamente nisso que reside o ponto crítico da atual conjuntura mundial: a falta de paciência, particularmente no que diz respeito aos jovens. Essa impaciência mais agressiva se mostra, paradoxalmente, nas nações mais ricas e poderosas. Como é o caso dos Estados Unidos, "uma sociedade rica, doente e em estado de rebelião". Não faz muito, em artigo publicado no *New York Times*, perguntava Tom Wicker: "Que espécie de nação é esta em que Robert Francis Kennedy, Martin Luther King e John Kennedy foram assassinados?" E acrescentava: "Para muitos americanos e um número ainda maior de estrangeiros pareceu que para todas essas tragédias tinha de haver um padrão, uma explicação. A conspiração foi às vezes sugerida; mais frequentemente, a noção foi imposta no sentido de que algo estava fundamentalmente errado na vida americana — uma "sociedade doente" era responsável pela série de assassinatos e outros problemas. Se tem sido difícil para qualquer um diagnosticar a natureza precisa da doença, é igualmente difícil atestar a saúde do paciente. Afinal de contas, em pouco mais de cinco anos, Medgar Evers, Malcolm X., John F. Kennedy, George Lincoln Rockwell, Martin Luther King e Robert Kennedy foram abatidos a tiros; Detroit, Newark e dezenas de cidades americanas, inclusive Washington, foram varridas por desordens raciais e pilhagens; a taxa do crime elevou-se a um ritmo alarmante para milhões, e não somente os negros espezinhados, mas os prósperos estudantes brancos, como os que tomaram um edifício da Universidade de Colúmbia, estão se voltando para a violência para atingir aquilo que para os americanos da classe média são objetivos obscuros e sem valor."

Quando a violência substitui o pacifismo

De Nova Iorque, um dos correspondentes de ELE ELA manda-

A FORÇA PARA IMPOR A PAZ

PAZ AINDA É UM SONHO

nos um impressionante balanço dos atos de violência que nos últimos anos têm sacudido a vida universitária americana. Tudo começou em dezembro de 1964, quando os estudantes da Universidade de Berkeley utilizaram pela primeira vez a tática do *sit-in* diante do prédio da administração, reivindicando o direito de discursar com microfones nas praças do *campus*. Exatamente um ano e meio atrás, os estudantes de Colúmbia (Nova Iorque) substituíram o pacífico *sit-in* pela ocupação de um prédio, defendendo maior participação estudantil nas tomadas de decisão da direção da universidade. E em maio do ano passado, tanto policiais como estudantes introduziram novas táticas, armas e violências numa luta cujos fins e proporções vão se tornando cada vez menos previsíveis.

Tecnologia para conter os conflitos

Na Universidade de Cornell, também no Estado de Nova Iorque, relata aquele nosso correspondente, numa atmosfera que poderia servir de cenário para um filme romântico com Doris Day no papel principal, cem negros, até então pacatos, ocuparam um prédio para protestar contra uma decisão da corte colegial e contra a queima de uma cruz branca diante do dormitório de doze moças negras. No mesmo dia surgiram rumores de que carros cheios de brancos armados estariam rondando o *campus*, dispostos a desalojar os negros. Não se sabe quem, quando ou como conseguiram introduzir armas dentro do prédio, mas na manhã seguinte vários negros apareceram nas janelas exibindo fuzis e cinturões de balas, dispostos, como disseram, "a morrer e levar muita gente com eles."

No lado policial, a novidade aconteceu na explosiva Berkeley, na Califórnia. Desde 1967, os *hippies* e estudantes ocupavam um parque de três acres nas vizinhanças do *campus*. Em abril do ano passado, embora a administração da Universidade se queixasse da falta de verba para os departamentos de pesquisa, resolveu comprar o terreno por 1 milhão e 300 mil dólares para construir um campo de futebol. *Hippies* e estudantes que haviam colocado gangorras, bancos, plantado flores (e, segundo a polícia, também maconha) no que chamavam Parque do Povo, resolveram protestar, pois achavam que a compra era um pretexto para satisfazer pequenos políticos locais que vinham sofrendo pressões dos vizinhos do parque para que tirassem os estudantes dali. Primeiro a administração mandou um enorme trator que destruiu tudo o que estava no parque. Depois, levantou uma cerca. No dia 20 de maio de 1971, mais de 2 mil estudantes organizaram as primeiras manifestações, e durante os 2 dias de tumulto uma pessoa morreu, cem ficaram feridas e mais de mil foram presas. Nesse confronto, a polícia introduziu suas novas armas na tática de repressão: o *buckshot* e o *birdshot*, fuzis que lançam milhares de pequenos projéteis de chumbo que não chegam a penetrar muito fundo no corpo. Mas apesar da quase nula potência dos tiros, um estudante morreu com ferimentos causados pelo *birdshot*.

Mas os casos de Cornell e Berkeley são apenas dois exemplos, entre tantos que se verificam quase diariamente nos mais diversos *campi* das universidades americanas. São apenas surtos periódicos de uma mesma onda de violência que hoje se alastra por todos os Estados Unidos, às voltas com rebeliões de toda espécie, e das quais a mais virulenta e intolerante é a da população negra, hoje em guerra declarada contra a maioria branca. "Os Estados Unidos — escreveu recentemente o jornalista italiano Giuseppe Dicorato, que durante meses visitou os Estados Unidos, para uma série de reportagens publicadas em julho do ano passado no semanário *Tempo* — acham-se num período de transição no que diz respeito a sua política social e interna: os velhos esquemas estão sendo refutados, mas para o momento não existe qualquer alternativa. Os liberais brancos ou negros tendem para uma organização social baseada na igualdade racial, mas tal realização não é nada certa e existem pelo menos duas outras possibilidades. Os separatistas negros propõem que a sua comunidade se afaste completamente dos brancos, para constituir uma sociedade negra independente (ou, pelo menos, em grande parte autônoma), em local ainda não especificado. É inútil dizer que essa proposição parece quase absurda. A segunda possibilidade consistiria em restabelecer o ve-

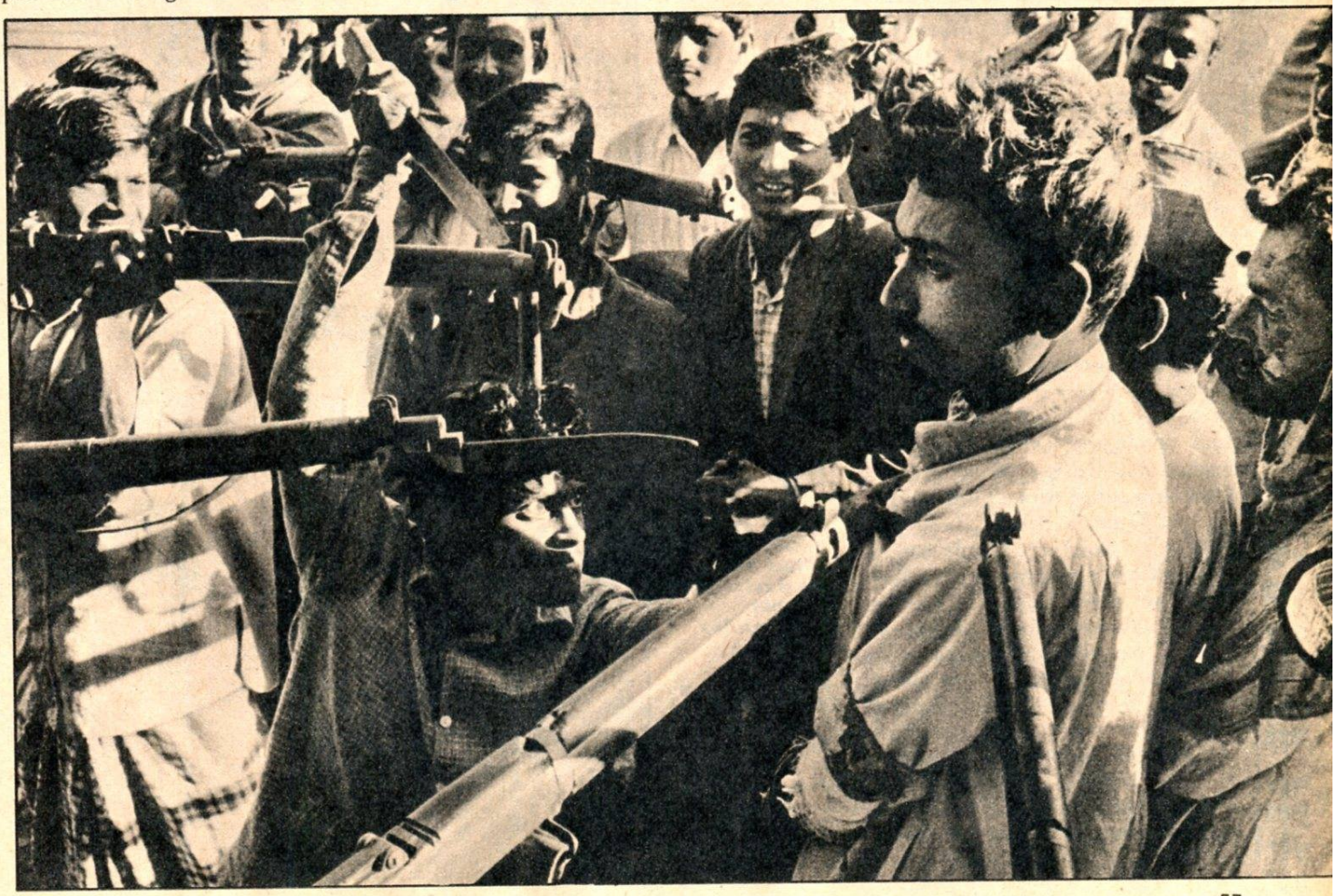
lho esquema através da violência, coisa improvável até quando os brancos se mostrarem divididos a respeito da moralidade e da oportunidade dessa solução. De qualquer maneira, a repressão é uma alternativa possível, considerando-se a aplastante supremacia numérica dos brancos, o seu monopólio do poder econômico e seu controle das forças armadas."

A vida e a morte no apertar de um botão

Mas a violência, hoje em dia, é um fenômeno mundial. E não se restringe apenas aos conflitos de ordem política. Na década de 60, registraram-se alguns dos mais pavorosos crimes comuns — entre os quais basta lembrar a chacina de que foi vítima Sharon Tate e seus amigos, brutalmente assassinados, com requintes da mais mórbida selvageria, por Charles Mason e seu grupo de *hippies* endemoniados.

Irlanda do Norte, Bangladesh (espantosas aquelas fotos, recentemente publicadas no mundo inteiro, de prisioneiros bengalis sendo executa-

Em qualquer lugar do mundo a violência explode sem avisar. Em Dallas, Kennedy entrou para a a história como um dos maiores mártires da luta pela paz. Oito anos depois, milhões de pessoas morriam no Paquistão.



Eles &

Jane Fonda

Para ela, ser uma superestrela é apenas um meio de lutar pela paz e contra a violência

Ela é, de longe, a melhor atriz de sua geração. Linda, com uma pele famosa em Hollywood (onde a maquilagem costuma estragar a tez das estrelas) e uns olhos não só cor de violeta, mas capazes de transmitir todas as gamas da emoção humana, abalou a crítica com a sua interpretação em **A Noite dos Desesperados**. Era uma interpretação cáustica, consciente, como se Jane Fonda tivesse se tornado a personagem, literalmente. Agora, interpretando **Klute**, ganhou o prêmio de melhor atriz, concedido pelos críticos de cinema. O Oscar, Jane Fonda não o receberá jamais, por seu comportamento contestatório. Pacifista militante ocupa todo o seu tempo vago em fazer comícios contra a guerra. Dizem que seus discursos são arrasadores não só pelo que diz, como pelo tom de voz, a voz rouca e terna com que se dirige aos espectadores. Já foi presa no aeroporto de Nova Iorque, acusada de conduzir vidros de **bolinhas**. Na perícia, verificou-se que os comprimidos de tóxicos eram inocentes comprimidos de vitamina. De uma família de artistas vitoriosos — seu pai é Henry Fonda e o irmão Peter Fonda — o tempo que as outras atrizes gastam nos salões de beleza e nas festas, ela emprega fazendo conferência para os soldados. Da última vez que, no Vietnã, Bob Hope foi dar um espetáculo para os militares, estes gritaram em coro: "Queremos Jane Fonda, queremos Jane Fonda!"

O que não se explica só pelas atitudes da moça. Basta olhar para ela para achar a explicação.

Elas

Editado por Heloneida Studart. Textos de Sérgio Ryff, Diva Maria (Rio) e Hugo Estenssoro (Nova Iorque).

Thomas Koch

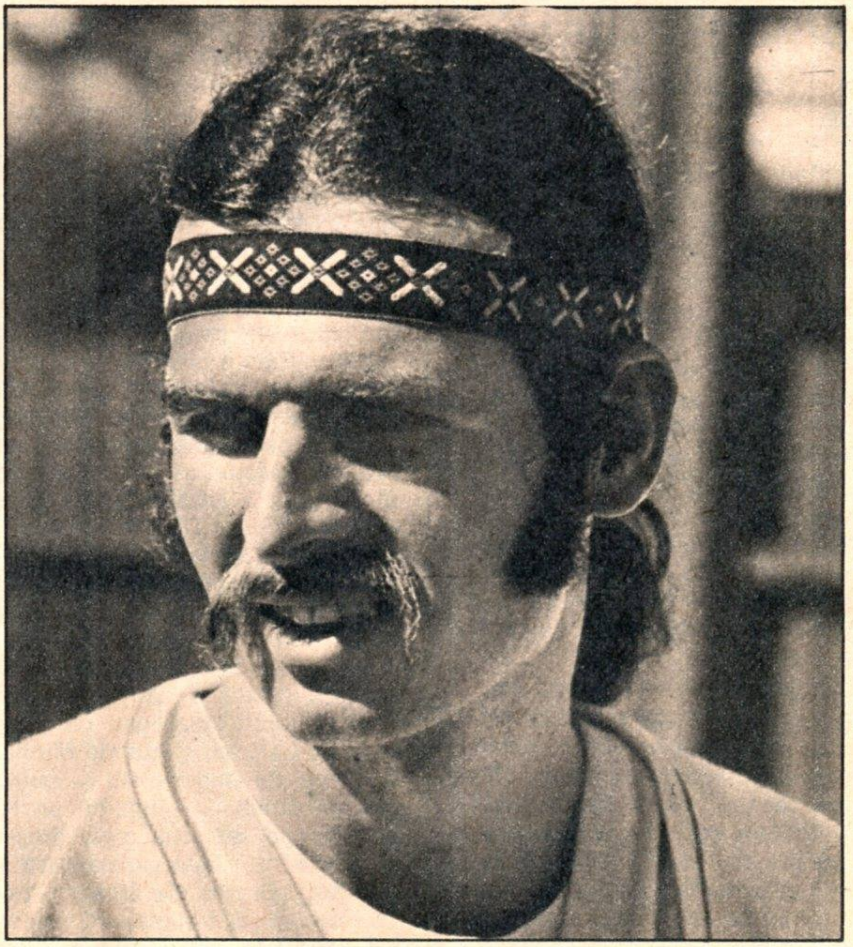
Cabelos longos, fita de apache na cabeça, alto, magro, tímido e ao mesmo tempo impulsivo, ele ficaria melhor empunhando uma guitarra. Mas a aparência de músico **pop** não impede que ele seja um tenista consciente e aplicado, um dos dez melhores do mundo, segundo as publicações especializadas. Thomas Koch é um esportista fora de série. Minucioso na preparação física, delicado no aperfeiçoamento técnico, ele persegue há alguns anos o título mundial.

Mais do que esportista, Thomas é uma figura humana interessantíssima. Protestante, por educação e influência dos pais, nunca se considerou um religioso na acepção normal do termo. Prefere ser chamado de místico. Há algum tempo, teve de passar um período longe das quadras quando esteve doente. Aproveitou para estudar mais profundamente a filosofia oriental e ouvir seus discos de **jazz** e **rock.** Thomas Koch poderia ser considerado um exemplo típico de juventude atual. Para ele o símbolo **hippie** da paz e a filosofia do **paz e amor** existem para valer.

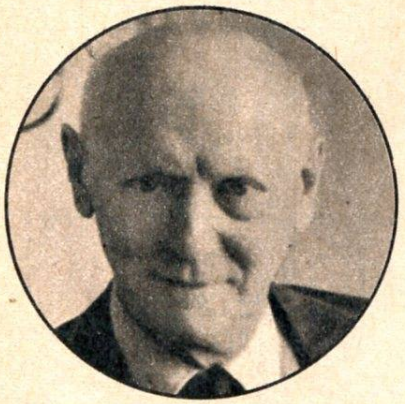
Recentemente, depois de lances rocambolescos, interpretados por muita gente até como rapto ao estilo Romeu e Julieta, Koch casou-se. Para os amigos, o fato não deixou de surpreender: ele sempre garantiu que jamais criaria raízes. Mas sua imagem entre as fãs não perdeu nada com isso. É como diz uma delas, americana, numa carta enviada a **World Tenis** a maior publicação no gênero nos Estados Unidos: "Sr. Koch, assim tão brasileiro, n i nguém é tão bacana quanto você. Você é bonito, assim com esse jeito **hippie.**"

E a exaltada fã americana encerra assim sua carta: "E quando você chegar, com a raqueta na mão, estarei para receber você. Eu, uma mulher. E você, um homem." Em tempo: a fã tem 14 anos.

Um sujeito ultratímido que ama os Beatles e os Rolling Stones



Isaac Singer



Um escritor que fala dos homens e de Deus

Para os pessimistas que consideram a língua portuguesa um "túmulo literário" por ser quase desconhecida, o exemplo de Isaac Bashevish Singer é uma lição. Singer só escreve em iídiche, língua também pouco conhecida. Isso não impediu que seus contos e romances lhe trouxessem reconhecimento universal e existe mesmo o rumor de que lhe trarão um Prêmio Nobel.

Seu principal mercado é o de língua inglesa, que ele domina totalmente. Porém, prefere escrever primeiro em iídiche, traduzindo posteriormente para o inglês com a ajuda de um **editor** americano.

Singer está se afastando pouco a pouco de sua temática original: a condição judia numa Polônia desaparecida. Seus últimos contos, como **Conferência em Ottawa,** refletem a vida cosmopolita de Nova Iorque. O tema fundamental, todavia, é ainda o mesmo: as relações dos homens entre eles e com Deus.

Gal Costa

Ela sabe planejar, sabe criar e usa todos os truques para atingir seu imenso público

Um pouco antes de começar o espetáculo, uma garota de no máximo dezesseis anos atravessa a platéia. Barriga queimada de sol à mostra, saia de florezinhas bem baixa, no limite, olhar meio parado, cabelo desgrenhado, ela é uma paródia de Gal Costa, como centenas de outras meninas que estão no teatro. As luzes se apagam e entra o original. Começa a cantar sem acompanhamento, soma daqui a pouco um violão, que ela mesma toca. Mais tarde entram o conjunto e as guitarras. Gal Costa sabe que é um ídolo. Tem consciência de que existem pelo Brasil afora milhares de garotinhas como a que atravessou a platéia antes dela entrar em cena. Por isso estuda cada gesto, cada expressão, exige o máximo do encarregado do som. Tudo se repete igualzinho noite após noite. E funciona.

Há quase dez anos, ela usava cabelos curtos e cantava bossa nova. Quando apareceu no Festival da Canção, cantando **Minha Senhora**, de Gilberto Gil — outro desconhecido — ninguém se ligou. A não ser uma meia dúzia de iniciados: "Esta garota sabe o que faz." Depois ela cresceu, estourou com o tropicalismo, com Gil de novo, com Caetano. Eles foram embora. Gal ficou como uma espécie de representante de uma nova forma de encarar as coisas e de fazer música. Ela responde à necessidade de identificação de um tipo de público jovem que, em muitos casos, ouviu-cantar-o-galo-sem-saber-onde. Isto, é claro, não tira seu mérito. Gal, possivelmente, é hoje — junto com Betânia e Maísa — a grande estrela da música popular brasileira. Para muita gente jovem ela é um ídolo, por suas atitudes, por sua roupa, por seu cabelo. Para quem gosta de música, é uma cantora que sabe o que faz e o que quer. Para ela mesma, é uma profissional consciente de que não basta talento — que ela tem em quantidade — para fazer sucesso. Gal, acima de tudo, sabe planejar, sabe criar e sabe usar todos os truques para comunicar.

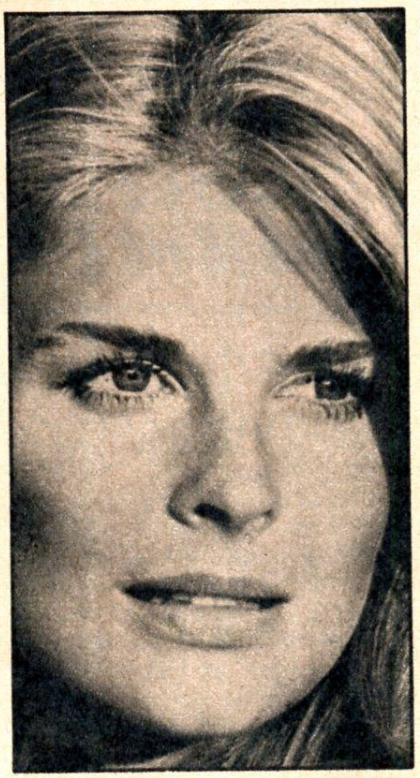
Candice Bergen

Os colegas a acham **snob,** o público diz que ela é linda, mas ela garante ser comum

O que me chateia mais é quando me comparam com Grace Kelly. Sei que não sou uma grande atriz. Sou grandona e — dizem — sofisticada. Tenho seios pequenos. Mas me compararem com Grace é um pouco forte." Depois de aparecer em meia dúzia de filmes sem expressão, Candice Bergen tornou-se uma estrela, principalmente com **Soldier Blue**. Sua cotação é agora de 500 mil dólares por filme. As ofertas de trabalho dariam para encher sua agenda pelo menos por dez anos. Mas Candice não se sente realizada.

"Na minha vida cometi muitos enganos". — diz ela, "O maior de todos foi o de jogar fora tantos anos em companhia de gente rica, tediosa e estúpida. Agora abri os olhos, nessa não caio mais." Filha única de Edgar Bergen, um ventríloquo ultrafamoso nos Estados Unidos, Candice sempre teve uma vida fácil. Da mãe, modelo fotográfico, vinte anos mais jovem que o marido, ela herdou a beleza. Da fortuna acumulada pelo pai em trinta anos de trabalho no mundo dos espetáculos, herdou a riqueza. "Sempre fiz tudo o que queria", diz ela. Isto talvez tenha me causado alguns problemas."

A verdade é que no mundo do cinema Candice Bergen, apesar de tentar parecer uma **boa menina,** não goza de grande simpatia. Os colegas a julgam uma **snob,** quase uma intrusa, que veio roubar a oportunidade de outras atrizes talentosas. Ela é acusada de manter amizade com Jacqueline Onassis, Frank Sinatra, Truman Capote. De só ter mantido flertes e casos amorosos com atores ricos e **playboys** como George Hamilton, Anthony Perkins e Terry Melcher, filho de Doris Day. Candice não liga: "Não me importa o que os outros pensem. Não vou deixar de andar com gente interessante só porque tem muito dinheiro." Enquanto isso continua a trabalhar. Seu último filme, **Carnal Knowledge,** tem sido considerado uma das produções mais eróticas da história do cinema. A tal ponto que dificilmente poderá ser visto no Brasil.



Miles Davis

Um pistom canta a dignidade de uma raça

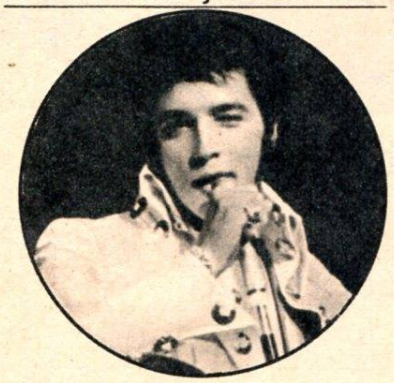
Miles Davis é um dos poucos músicos de **jazz** que consegue viver exclusivamente de sua arte. A verdade é que nunca passou dificuldades financeiras. Seu pai era um abastado dentista negro, e ele sempre frequentou bons colégios, pelo menos os que admitiam crianças de cor. E apesar da boa situação paterna, nunca escapou da discriminação racial.

O ressentimento tornou-o um homem seco e cheio de arestas. Certa vez, ao ser barrado com a sua namorada loura em um motel da Califórnia, afastou o carro uns cem metros, tirou uma reta e acabou dentro da recepção. Passou uns meses hospitalizado, mas quebrou tudo.

Hoje, aos 44 anos, está um pouco mais calmo: "Como não posso estar sempre com ódio, toco meu instrumento para esvaziar a raiva." E esvaziando a raiva, Miles Davis acaba de gravar seu último LP com a trilha sonora do filme **Jack Johnson.** Tudo indica que será mais um sucesso de vendas, tornando-o ainda mais rico e famoso.

Elvis Presley

Quinze anos depois, o rei do **rock** volta com força total



Em meados dos anos cinquenta, um novo ritmo, uma nova procura de caminhos surgiu como uma explosão: era o **rock and roll**, que viria a ser a coqueluche da juventude chamada, então, de transviada. Em meio à controvérsia e ao natural desconsolo dos conformistas, o **rock** conquistou o seu lugar ao sol, criando ídolos, dos quais o mais importante era Elvis Presley — um rapaz alto, com um penteado típico e uma ginga inédita.

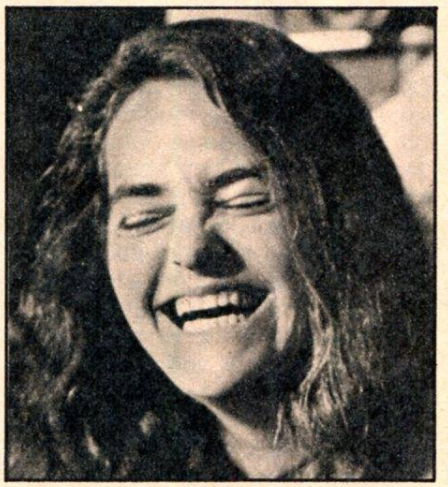
Seu sucesso vertiginoso criou um novo gênero de **macacas de auditório**: garotas de todos os níveis e classes sociais queriam ouvir Elvis, seguir Elvis, obter um pedaço da camisa de Elvis.

Depois, o **rock** foi se modificando, se transformando por intermédio da ação de conjuntos mais intelectualizados e surgiu a música **pop**. Elvis Presley — dono de mansões e carros de todas as cores e marcas — foi deixando de ser mito. Os Beatles e Rolling Stones se apossaram da preferência e do delírio das massas, mas um fato é certo: os discos de Presley sempre se mantiveram firmemente, ele sempre vendeu e faturou. Ultimamente, mudando toda a imagem, penteado e gingas, voltou às paradas de sucesso. As saudosistas mal o reconhecem, sentem falta do topete e do rebolado antigos, mas na realidade Elvis Presley se manteve fiel ao **rock**. E é em termos de **rock** que tenta reconquistar o entusiasmo das grandes platéias, porque de dinheiro não precisa mais: ficou riquíssimo.

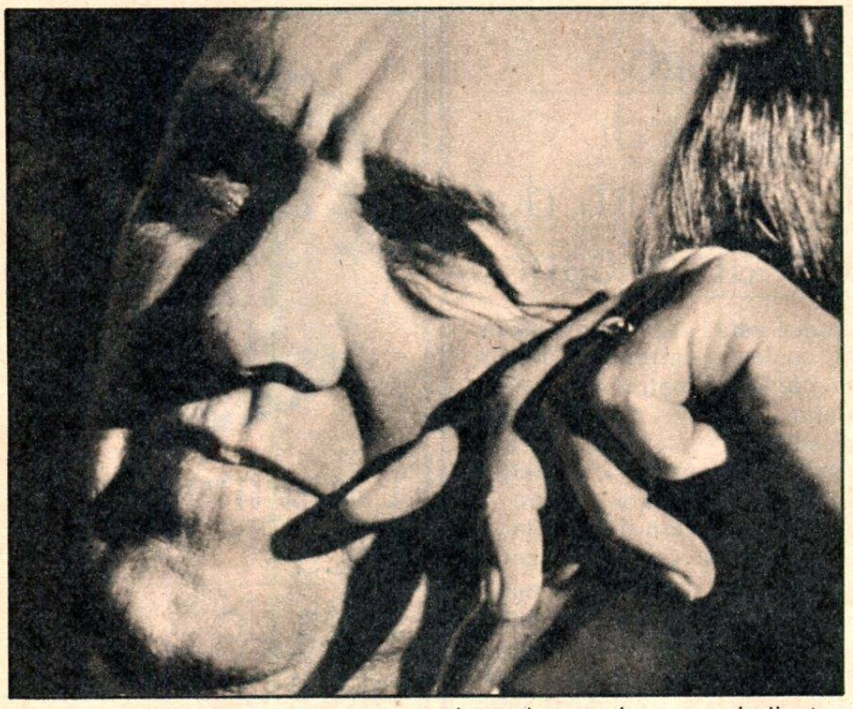
Kate Millett

Nos movimentos feministas e agora no cinema, Kate continua lutando pela libertação da mulher

Kate Millett, que conquistou fama como líder do **Women's Liberation** graças a um **best seller (Sexual Politics)** e a inúmeras conferências em universidades, resolveu agora estender sua militância em favor da mulher ao cinema. Ela vem de realizar um documentário chamado **Three Lives (Três Vidas),** sobre a experiência interior de três mulheres comuns. A revista **Newsweek** comenta que Millett revela, como cineasta, "ternura e precisão", e observa que, surpreendentemente, após o rigor analítico de **Sexual Politics,** a autora decidiu se expressar em termos mais emocionais. As heroínas são três de suas amigas: sua irmã Mallory, uma mãe, Lillian, e uma jovem lésbica de nome Robin. O filme simplesmente mostra as três mulheres lutando para se definir e sobreviver aos seus problemas sexuais, familiares e financeiros, e, embora seja apenas um documentário, prova, segundo **Newsweek,** a tese de Millett "de que as mulheres são mais interessantes como seres humanos do que como proponentes de uma teoria ou de um movimento político".



Edmund Muskie



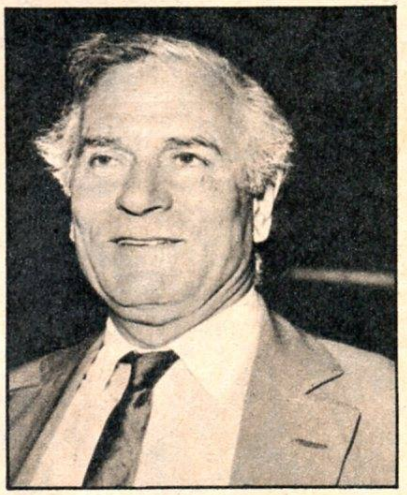
A caminhada para a Casa Branca é longa, mas ele conta com as minorias para chegar lá

Tem charme físico — as más línguas dizem que ele tem a fisionomia de uma velha senhora — e sem grande eloquência, mas dotado de grande coerência nas suas posições antiguerra, o Senador Edmund Muskie foi o primeiro político a postular a indicação do Partido Democrata ao lugar de candidato às eleições presidenciais dos Estados Unidos. Ele tem muitos obstáculos a vencer: a aspiração de Hebert Humphrey, novamente lançado como postulante a candidato e fortemente apoiado pelos poderosos sindicatos americanos e a ousadia do próprio Nixon, que tem feito uma surpreendente política externa. Muskie é considerado **liberal do centro** e um pacifista intransigente. Ele se colocou contra a política de vietnamização da guerra, declarando-a "forma de perpetuação do conflito". Internamente, sempre foi contra a teoria presidencial da **lei e da ordem,** chamando-a de **política do medo.** Filho de poloneses, e representante de um estado relativamente desimportante (Maine), Muskie espera motivar as minorias raciais e confia que suas posições contra a poluição ambiente e a desagregação das cidades americanas atraiam os votos dos mais radicais. Nessa esperança, ele viajou ao Oriente Médio e a Moscou e dizem que já pediu **visto** para a China. Mas apesar de todas essas atitudes e de seus pronunciamentos contra a corrida armamentista, é visto com desconfiança pela esquerda. Quanto à direita, nem pode ouvir falar em Edmund Muskie.

Lawrence Olivier

Ele fez da Câmara dos Lordes seu novo palco

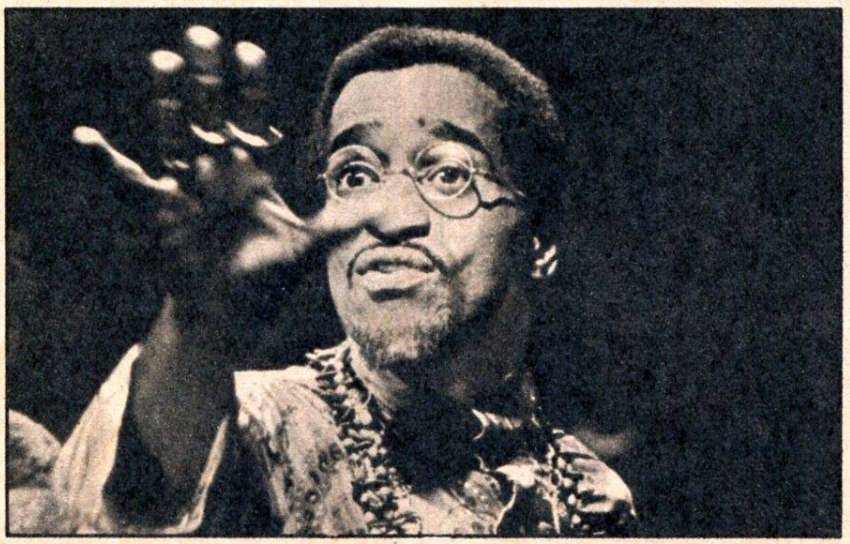
Lawrence Olivier é nobre. A força de interpretar os textos de Shakespeare, acabou assumindo a pose e o espírito dos personagens do bardo genial. Faltava-lhe o título. A Rainha Elizabeth tratou logo de consertar a situação: concedeu-lhe o de **Lord.** De lambuja, ainda ganhou um baronato que, embora vitalício, não poderá ser legado aos seus. Ao tomar posse na Câmara dos Lordes, Olivier fez um alentado discurso, aplaudidíssimo pelos seus pares. Entusiasmado com a receptividade da estréia, tratou logo de propor uma nova lei que cuidava particularmente dos atores, num projeto que tratava das relações industriais. Mais uma vez foi muito aplaudido. Infelizmente, para surpresa sua, na hora da votação foi derrotado por 102 votos contra 86. Saiu-se com essa: "Shakespeare tinha razão. **Much Ado Abouth Nothing."** O que quer dizer: **muita fumaça para pouco fogo.**



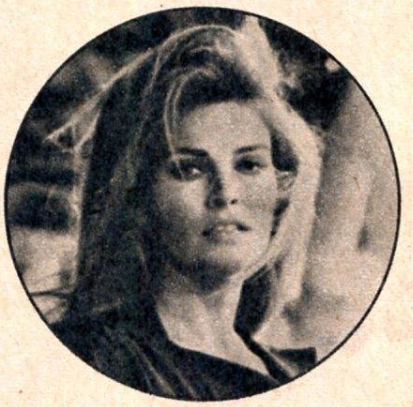
Sammy Davis Jr.

Feio, baixinho, negro e cego de um olho, Sammy Davis Jr. conseguiu se impor como um dos maiores artistas norte-americanos

Um homem contra o destino: assim pode ser classificada a vida de Sammy Davis Jr. Nasceu negro, feio e pobre num país onde pelo menos duas dessas coisas são anátemas. Desde os 4 anos de idade, dançava e cantava, acompanhando os pais, também artistas. Lutando com incrível tenacidade, conseguiu impor o seu indiscutível talento, e quando tudo parecia bem encaminhado, surgiu um acidente de carro. Gravemente ferido, Sammy Davis Jr. conseguiu sobreviver, mas cego de um olho. Mais uma deficiência se acrescentava às demais. Ele, no entanto, prosseguiu se exibindo em todos os palcos, obteve fama como um dos maiores **showmen** norte americanos e conseguiu o amor de muitas mulheres belas. A primeira delas foi Lorey White, a segunda, nada mais nada menos que a cobiçada e sensacional sueca May Britt. Dizem que este casamento inter-racial, custou a carreira de May e nem por isso o matrimônio foi duradouro. Sammy Davis Jr. divorciou-se outra vez e ficou dedicado apenas à sua carreira, às tropelias da **gang** de Frank Sinatra — da qual é membro destacado — e às garrafas. Conhecido como representante de todas as minorias — optara pela religião judaica, tornando-se assim judeu-negro — sua fama aumentava sempre, mas não a sua saúde. O amor às libações, que pareciam liberar o melhor do seu talento artístico, acabou por levar Sammy Davis Jr. à ameaça de cirrose. Os médicos o proibiram de beber e atualmente ele apenas pode contemplar o seu magnífico bar. Mas essa atitude contemplativa é apenas em relação à bebida: quanto às outras atividades, Sammy Davis Jr. continua um atuante.



Raquel Welch



Uma mulher toda feita de plástico

Desde seu primeiro filme, **Viagem Fantástica,** Raquel Welch estourou como o símbolo do sexo. De repente, tornou-se a deusa do cinema, **O Corpo.** Apesar disto, levava uma vida tranquila, totalmente diferente da imagem que representava. Casada com um ex-fotógrafo, Patrick Curtis, um homem baixinho e feio, que não combinava com sua exuberância, chegava a ser apontada como um exemplo de que uma **superstar** podia perfeitamente viver em paz com o marido.

Mas aconteceu o divórcio inesperado. E com ele, as agressões mútuas. Patrick gritou aos quatro ventos que as injeções de silicone que ela tomara para enrijecer o busto haviam endurecido também seu coração. O que parece ser verdade, pelo menos em parte. Um médico americano garante que moldou inteiramente o corpo de Raquel, num trabalho paciente de muitos anos, com injeções de silicone e operações plásticas.

VW 1500 - FUSCÃO © VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

Aumente a dose.

E prepare-se para experimentar a sensação inesquecível de dirigir um Fuscão. Ao entrar, a primeira coisa que v. irá notar é o cuidadoso acabamento interno.

Seus bancos semi-envolventes vão acomodá-lo na posição mais confortável. Engate a primeira e v. sentirá que a força do motor de 52 HP responde rápido ao comando do acelerador.

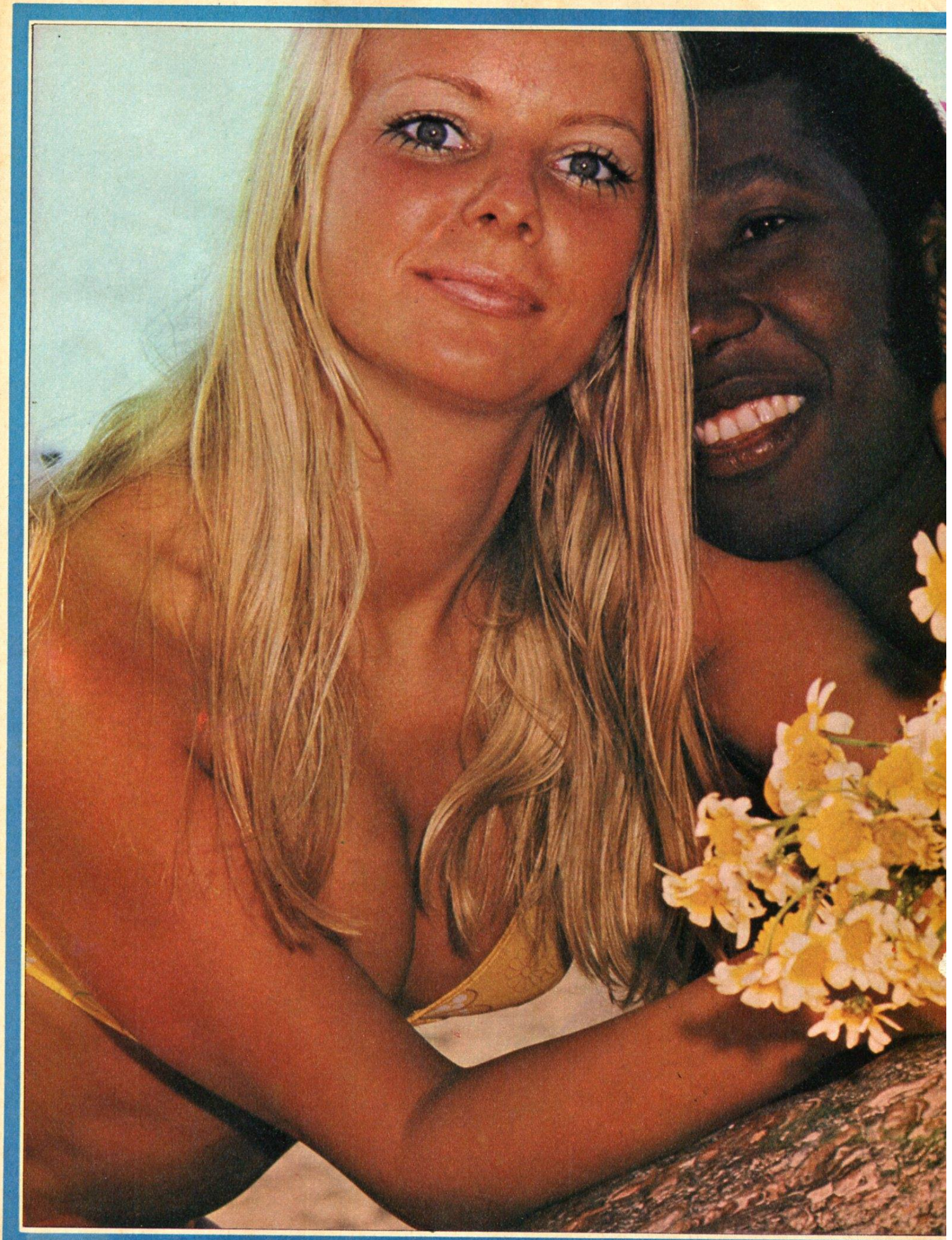
Seu câmbio é suave, porém preciso. Quando aparecer uma curva no meio do caminho, v. sentirá uma sensação de segurança, pois a direção é obediente e a bitola larga com barra compensadora no eixo traseiro mantém a estabilidade nas curvas.

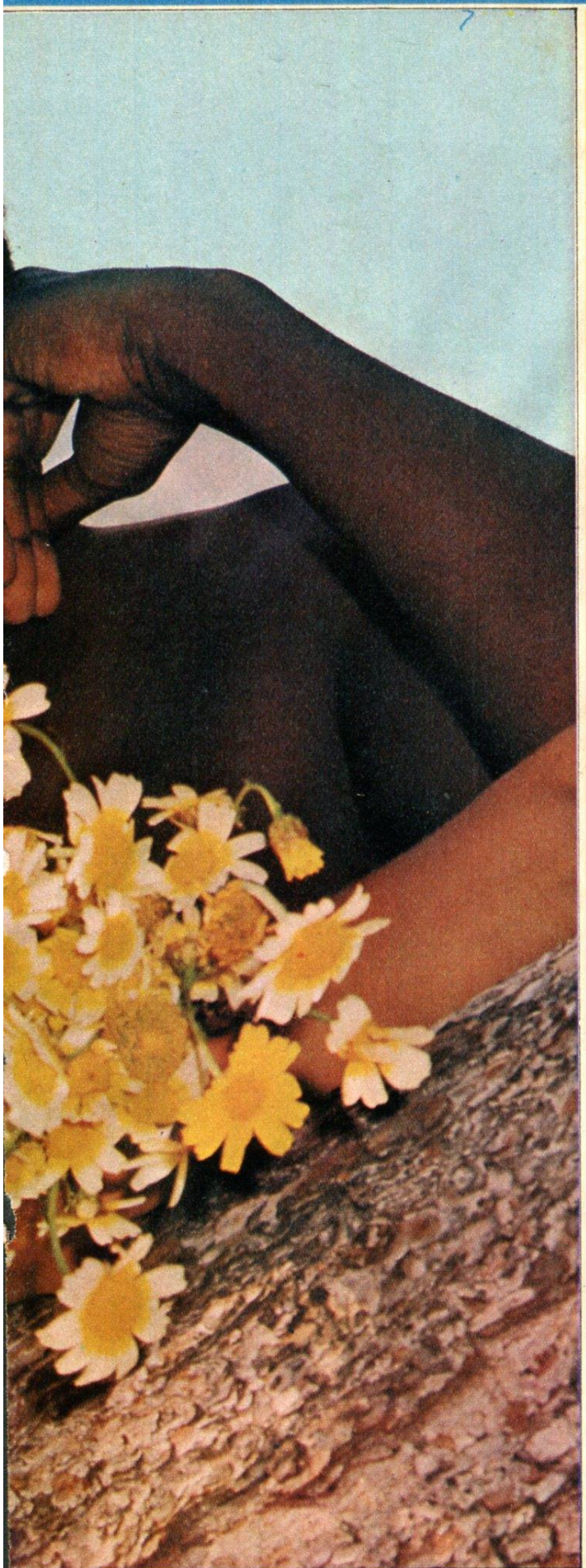
V. ficará triste quando as ladeiras terminarem, tal a facilidade com que o Fuscão as enfrenta.

Porque ele tem um torque excepcional, que garante segurança em ultrapassagens.

A suspensão macia lhe proporciona conforto durante todo o percurso - e na hora de parar v. sente a eficiência de seus freios.

Aí o aumento da dose começará a fazer efeito. E de repente, v. estará viciado nos 1.500 c.c.





HOMEM & MULHER LUTA OU INTEGRAÇÃO

Era preciso acabar com um velho complexo de inferioridade: a dominação da mulher pelo homem. Por isso elas pensaram em fazer a guerra do amor para conquistar o poder de "dar as ordens". Mas será esse o verdadeiro caminho da libertação feminina? Competir com o homem não significará perder um companheiro? Ficar só? Talvez a melhor solução seja outra: a coexistência pacífica. A integração.

ROSE MARIE MURARO

É A ASTÚCIA CONTRA A FORÇA

Pior do que a submissão aos poderes masculinos será a solidão.

A libertação da mulher é um dos assuntos mais quentes da atualidade. É assunto de esquina, tanto quanto de universidades, em quase todos os países do mundo. No Brasil, porém, esse problema parece causar pânico a homens e mulheres.

— Bom — dizia-me um amigo, e dos mais lúcidos — esse negócio de libertação de mulher está muito certo. É um movimento histórico. Mas espero que a Arlete lá em casa não se liberte nunca!

Quanto às mulheres, pensam que libertar-se significa enfrentar o homem, competir com ele, isto é, perdê-lo. Ficar só. Desamparada. E aí se instala o medo.

Esse vago sentimento tem fundamento. O que se vê nos jornais e revistas estrangeiros e nacionais leva, realmente, a temores. Algumas mulheres que procuravam "libertar-se" sofrem de uma neurose muito comum. Elas se rejeitam intimamente e, portanto, sentem-se rejeitadas principalmente pelo homem. Têm medo da afetividade profunda que implica entrega, vulnerabilidade assumida. E, sob pretexto de libertação, isolam-se, rejeitam o homem, pensam poder fazer tudo sozinhas. E assim, levam ao máximo o individualismo, a separação, o isolamento.

E são essas que costumam aparecer, que fazem movimentos. Em geral, não têm visão sociológica ou histórica do problema, ou, se a têm, usam-na de maneira parcial a favor de sua causa de divisão.

Mas elas não vêem que a libertação da mulher, que é também a libertação do homem, é exatamente o contrário do que pregam. Esta libertação é uma integração e não um isolamento. Aparentemente parece que homem e mulher, hoje, estejam perfeitamente integrados. Infelizmente, porém, isto não é verdade Mulher e homem hoje estão separadíssimos um do outro.

E nunca estiveram tanto, desde que a humanidade é humanidade E esta separação tem raízes históricas muito profundas.

No mundo pré-histórico, que durou aproximadamente dois milhões de anos, homem e mulher não desempenhavam na vida diária papéis especializados como hoje, isto é, a mulher não ficava em casa cuidando dos filhos e o homem se dedicava ao sustento e à defesa da família. Existiam os mais variados tipos de relação homem-mulher.

Em algumas tribos, o homem era o elemento predominante, em outras, a mulher; em outras ainda ambos quase não se diferenciavam. Mas em todas, homem e mulher trabalhavam juntos na vida da comunidade.

Foi só há cerca de oito ou dez mil anos, quando começou o período histórico, que essa separação de funções aconteceu.

A História iniciou-se quando o homem, que havia passado quase dois milhões de anos em estado nômade, fixou-se à terra. Nasceram então as primeiras aldeias, que se transformaram em cidades e depois culminaram nos grandes impérios da antiguidade.

E o homem só pôde fixar-se à terra quando conseguiu inventar uma técnica que lhe permitisse tirar o alimento da mesma terra. Essa técnica chamou-se **agricultura**. Era, então, preciso que houvesse alguns que arassem a terra e outros que a defendessem dos invasores e outros, ainda, que organizassem a coletividade. Assim se formaram as classes, as leis, o Estado.

Os homens se separam entre si por hierarquias e classes sociais. Cada um representava um papel especializado: o agricultor, o guerreiro, o escriba, o sacerdote, o rei... Era exercida uma dominação rígida dos mais fortes sobre os mais fracos. Esta dominação era, de uma certa forma, necessária para o equilíbrio da sociedade, uma vez que a sobrevivência dos seres humanos então dependia estritamente do cultivo da terra e, portanto, esta tinha que ser defendida a qualquer preço.

Tudo começou quando o homem ainda se julgava reencarnação de algum deus

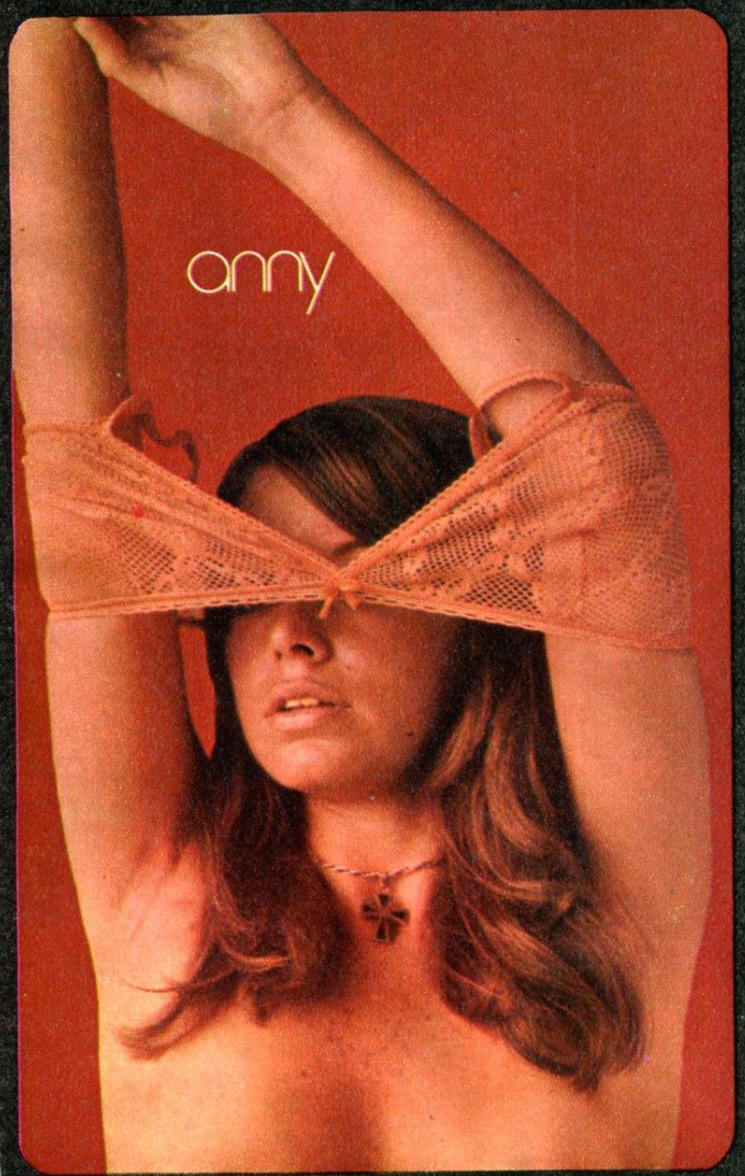
O primitivo nômade não tinha esse problema. Não possuía terra e vivia da pesca e da caça. Tinha, portanto, uma vida mais livre. Podia vivê-la mais intensamente, mais globalmente, porque não precisava trabalhar.

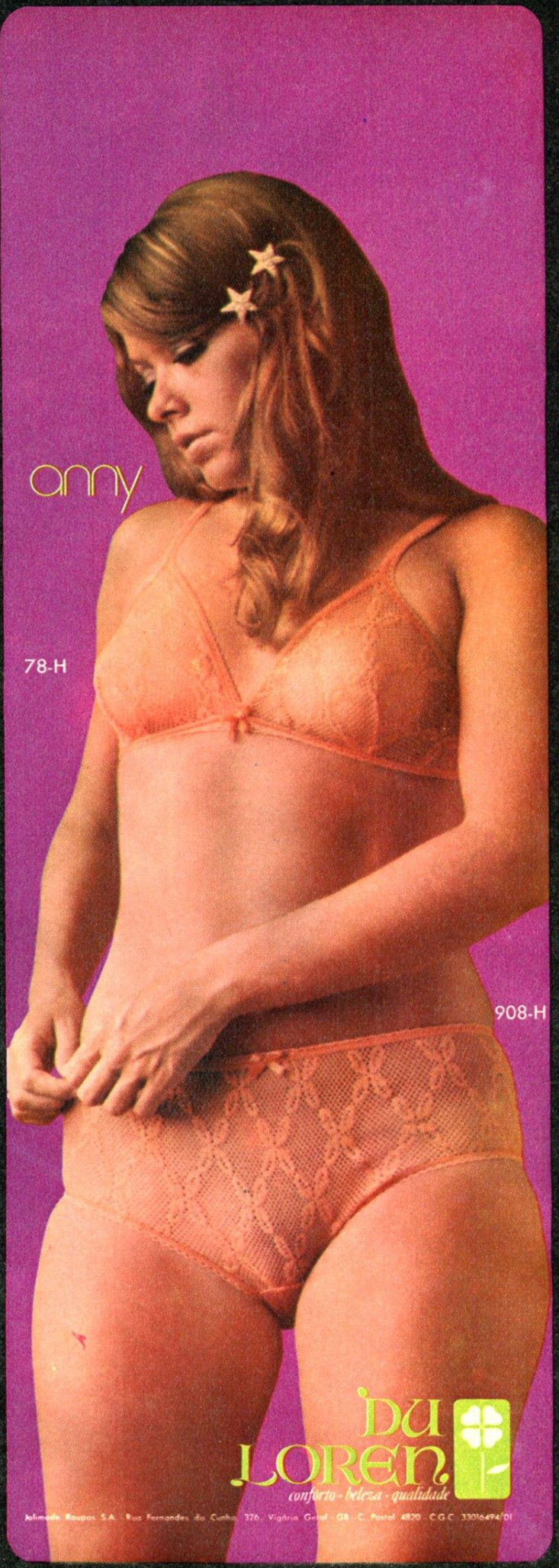
Entre eles não havia dominação de uns sobre os outros. Havia, sim, um estrito controle de todos os atos humanos pelos mitos da comunidade. Tudo era regulado: como teria que nascer as crianças, em que lua se plantava o trigo, como se curavam as doenças, como se morria. Todos se consideravam como reencarnações de algum deus, herói, grande chefe ou antepassado.

Assim, a vida e a morte eram sagradas. Havia uma mística de viver e morrer. E foi esta mística que perpetuou a raça humana, pois sem ela as pequenas comunidades pré-históricas não teriam resistido à incrível hostilidade do meio ambiente: frio, doença, fome, animais, floresta.

por cima

não é preciso que as outras saibam.
guarde o segrêdo para você. a Du Loren está lançando com absoluta exclusividade o soutien que entra por cima. pela cabeça e para deixar todos os outros por baixo.
anny a doçura de soutien, confeccionado em helanca bordada. três tamanhos: mocinha (38 a 40) pequeno (42) e médio (44 a 46).
a calcinha forma o conjunto e não é necessário dizer que entra por baixo mas é para ficar no meio. vá conhecer êste sensacional lançamento no seu revendedor mais próximo.





Butique para

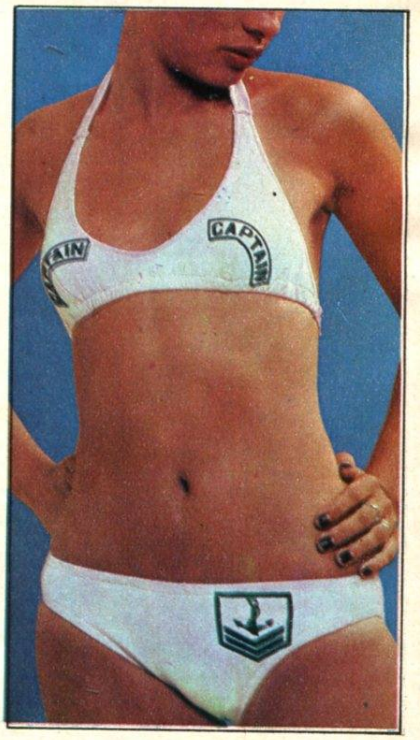
Microcamisola em azul-rei, meio transparente, com mangas em babados e viés vermelho. Calcinha igual.

Jogo completo de camping **ou piquenique para 4 pessoas. Útil e fácil de carregar.**

Para terraço ou casa de campo uma cadeira confortável e colchão de espuma.

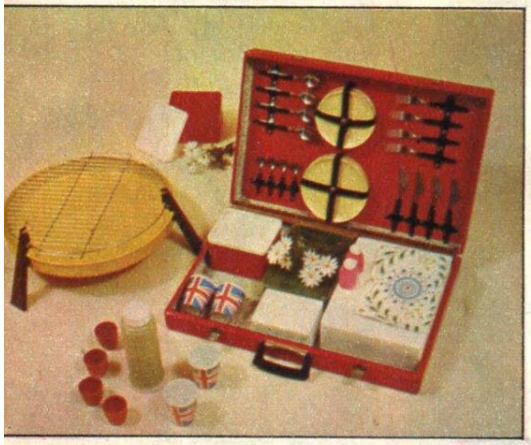
Maquilagem de Mary Quant muito bem acondicionada, prática para viagens.

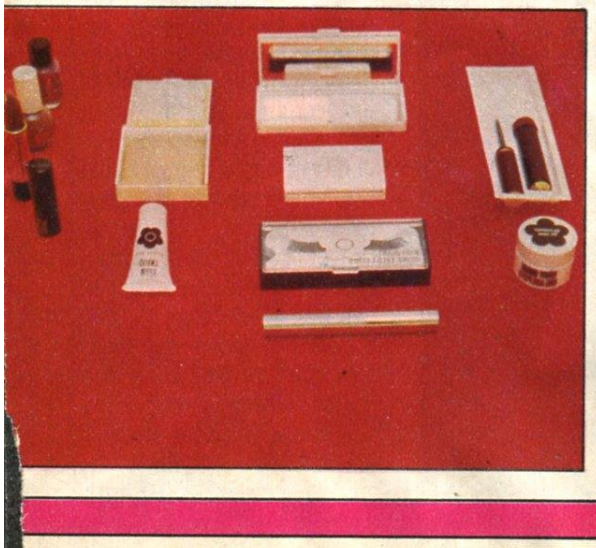
Biquíni de suedine com emblemas impressos em cores bem contrastantes.



dois

O que as butiques do Rio e de São Paulo sugerem como presentes para ele e para ela.





Olha em cima da máquina.

Você nunca viu isto: um flash que não falha nunca. É o Magicube Sylvania, que não tem contatos elétricos para enguiçar porque não usa pilhas. Funciona mecanicamente. O Magicube dá sempre a mesma intensidade de luz. E porque não falha, você nunca perde chapas nem aquele flagrante que nunca mais vai se repetir. A Kodak queria fazer da sua Instamatic 155-X uma máquina sensacional. Foi por isso que escolheu o Magicube Sylvania. Um flash sensacional. Se você quiser pode comprar o Magicube em embalagem de três Magicubes. Dá certinho para um filme inteiro, 12 fotos. Fotos perfeitas.

Unitas

MAGICUBE SYLVANIA

GTE SYLVANIA

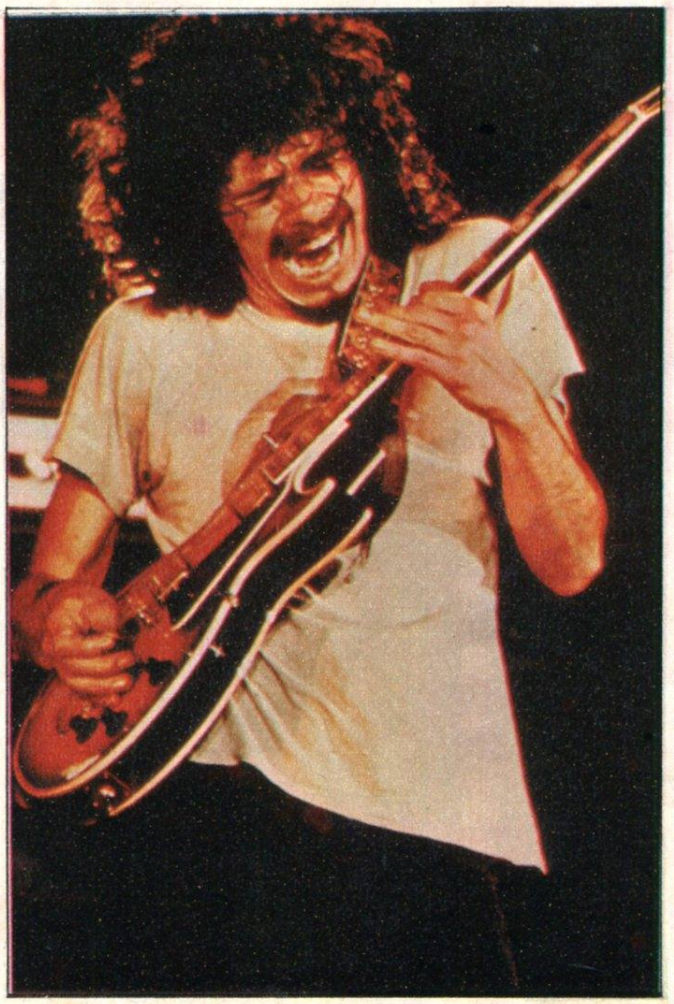
POP

ROBERTO MUGGIATI

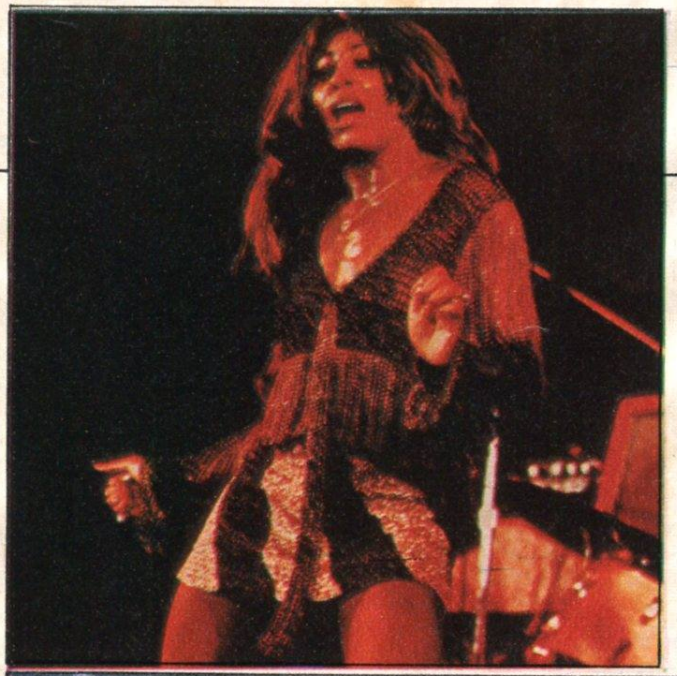
Soul to Soul, em cartaz nos Estados Unidos e na Europa, levanta mais uma vez a questão da música **pop** no cinema e, inversamente, das utilizações que a música **pop** pode fazer do cinema. O filme é de Denis Sanders, o mesmo que nos deu recentemente **Elvis — That's The Way It Is,** e não se pode, adequadamente, falar aqui em **direção.** Também em **Soul to Soul,** Sanders limita-se a filmar o acontecimento sonoro, no caso um festival que reuniu em Acra músicos africanos e músicos americanos de raízes africanas, para comemorar o 14.º aniversário da independência de Gana. O resultado foi uma espécie de Woodstock do Terceiro Mundo.

Soul to Soul se insere assim na linha do documentário-pop, ou seja, daqueles filmes que nada mais pretendem oferecer ao espectador a não ser um espetáculo musical: som estereofônico, músicos em **close,** cortes para a platéia, **destaques** instrumentais, bem como as inevitáveis entrevistas que trazem o tempero psicossociológico ao que, sem elas, não passaria do vídeo-tape de um **show** de música. É a linha que encontrou uma de suas melhores ilustrações no clássico **Jazz on a Summer's Day,** de fins dos anos de 1950, focalizando o festival de **jazz** de Newport. Seu sucesso, como fórmula, se repetiu com **Monterrey Pop**, de 1967, muito mais pelo fato de registrar, de maneira dramática, o surgimento de duas superestrelas — Janis Joplin e Jimi Hendrix — do que pelo sensível trabalho de câmara de Leacock e Pennebaker. Depois de **Summer's Day** e de **Monterrey,** o terreno estava preparado para **Woodstock,** este imenso painel de uma cultura em crise, que o cineasta Michael Wadleigh inteligentemente fixou, contribuindo sem dúvida com suas imagens para a dimensão mitológica que em pouco tempo assumiriam aqueles "três dias de música, paz e amor".

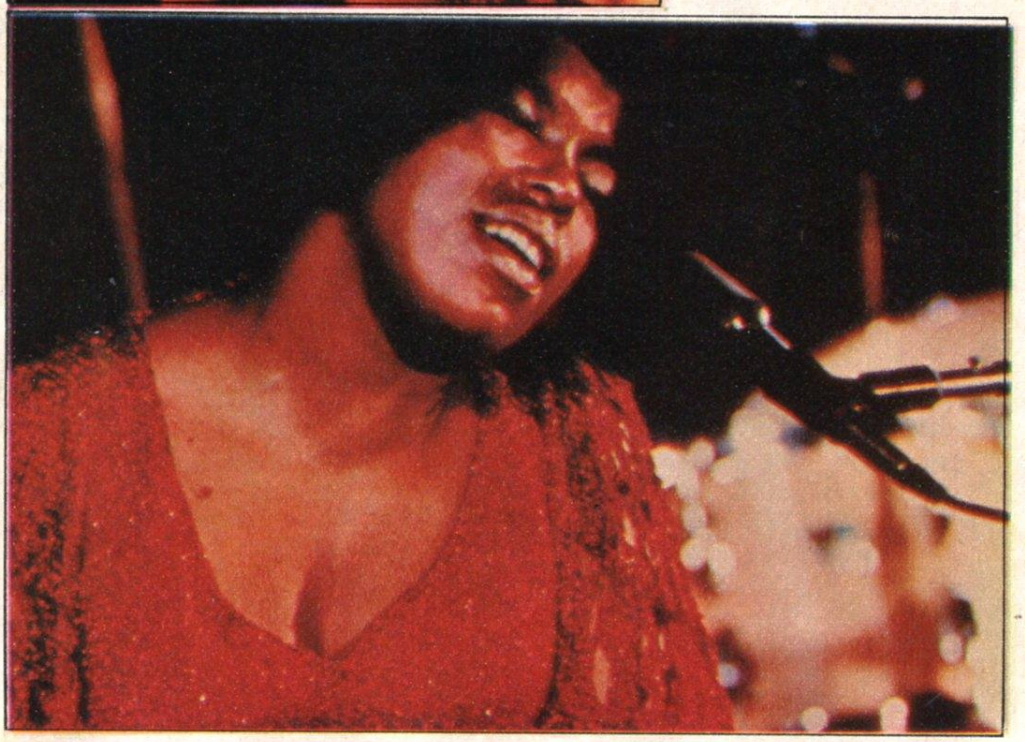
Woodstock à parte, há pouca chance de que esse tipo de cinema venha a ser mais do que pretende ser: duas horas de música, para quem gosta, e é só. Assim, existem documentários-pop para todos os gostos: sobre a canção de protesto (Bob Dylan, Joan Baez), sobre Joe Cocker e seus Mad Dogs & Englishmen, sobre os Beatles (**Let It Be**) e outros mais. Única exceção a ser feita: o filme dos irmãos Maysles e de Charlotte Zwerin (**Gimme**



Santana, cujo rock latino foi mostrado com destaque em Woodstock, **aparece também em** Soul to Soul, **tocando diante de 100 mil pessoas na Praça da Estrela Negra, na capital de Gana. Nesta festa, que reuniu músicos africanos e músicos norte-americanos de raízes africanas, Santana representou o ramo hispano-americano do afro. Números musicais,** closes **dos cantores, o inevitável** show **de bateria e as igualmente inevitáveis entrevistas de "fundo sociológico" — esses os ingredientes principais dessa fórmula que já começa a cansar o público de cinema. Como o** jazz, **o** rock **passou superficialmente pela história do cinema, e muito pouco sobrou deste casamento.**



Tina Turner e Roberta Flack (ambas com LPs editados no Brasil) foram duas das presenças mais quentes no festival de Acra, em Gana, cujas imagens a câmara de Denis Sanders captou no filme Soul to Soul.



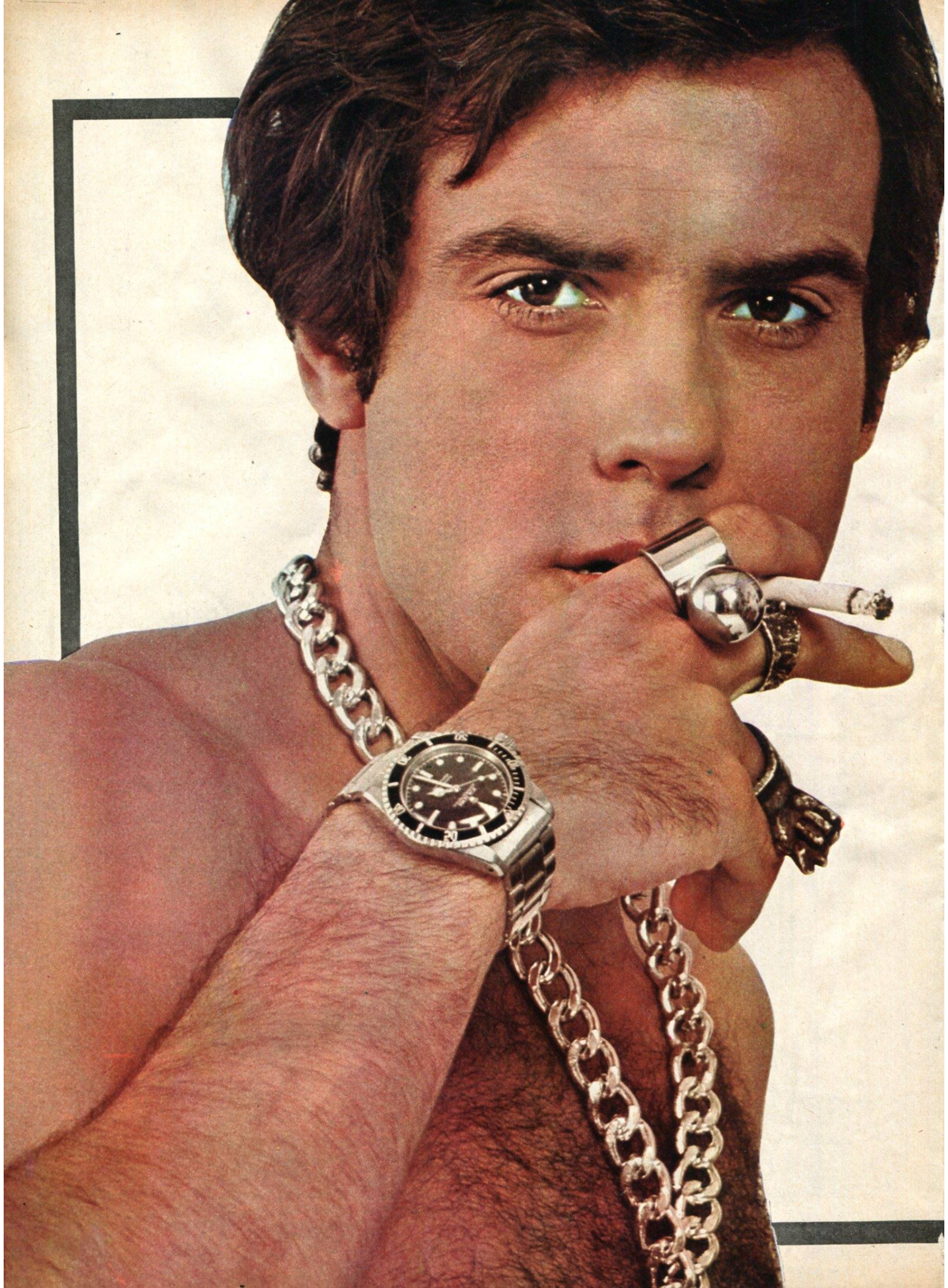
Shelter) sobre a excursão americana dos Rolling Stones em 1969 e o seu encerramento trágico em Altamont, Califórnia, o festival que foi a antítese de Woodstock e que marcou sem dúvida o fim dos grandes festivais. **Gimme Shelter** focaliza a cores o momento exato em que um jovem negro é assassinado a punhaladas por um **anjo do inferno** e todo o filme é construído obsessivamente em torno desse ato de violência e destruição, como numa espécie de **Blow Up — vérité.**

Tem havido também neste proposto casamento cinema/**rock** tentativas de traduzir cinematograficamente a atmosfera dos Beatles (Richard Lester), dos Rolling Stones (Godard, em **One Plus One**) e dos Mothers of Invention (Zappa, copiando Lester), bem como tentativas de usar (sobretudo comercialmente) certas superestrelas como ator: Lennon (**How I Won The War**), Mick Jagger (**Ned Kelly, Performance**), Ringo Starr (**The Magic Christian, Candy**), etc.

De todas essas experiências visando a fundir cinema e música **pop** e a conciliar as duas linguagens, sobrou apenas uma obra-prima. No fundo, a grande síntese audiovisual do **rock** ficou mesmo sendo **O Submarino Amarelo,** desenho animado inspirado na música e na atmosfera de **Sergeant Pepper's,** dos Beatles, e que permanecerá por muitas décadas.

O cinema ganhou voz com **O CANTOR DE JAZZ.** A onda alucinante do **ROCK'N'ROLL** foi desencadeada por um filme, **SEMENTES DA VIOLÊNCIA.** E foi o cinema que fez de Woodstock um épico. Apesar de tudo, cinema e música ainda não começaram a explorar as potencialidades de cada linguagem.

Lauzier e as mulheres



Na concepção do ideal masculino de hoje, ao contrário do feminino, beleza não chega a ser fundamental

SER BONITO É MOLE, O DURO É SER HOMEM

Texto de Maria Cláudia

IMAGINEM se as mulheres essas lutadoras indomáveis! chegarem ao ponto de igualdade com os homens, copiando-lhes até o peculiar sistema de conquista! Veremos, então, o galanteio feminino oficializado: a mulher soltando seu lisonjeiro assobio, ao passar de um caprichado exemplar do sexo forte, apoiando-o pela expressão bem clássica: "aí, bonitão". E tudo, depois, seguirá o ritmo normal.

Na espera desta era, talvez próxima, importante é colocar, desde já, os pontos nos ii: afinal, o que é um "bonitão"? Para as espevitadas donzelas da década de 20, lindo de morrer era o olhar de mormaço de Rodolfo Valentino, tirando uma de xeque. Para as atuais quarentonas, o bigodinho de Clark Gable, na base de *...E o Vento Levou*, foi o motivo dos perigosos *frissons* da adolescência. Bonitão, também, era nosso remoto antepassado, revelando seu potencial *sexy* ao arrastar a amada pelos cabelos. De túnica e cachinho sobre a testa, o deus grego parece-nos hoje insólito, mas foi exemplo universal de formosura. Em sua inviolável armadura de ferro (ah, e quando, e onde e como, as suaves carícias do pré-amor?), o valente homem das Cruzadas era o máximo. E que dizer do homem-modelo Luís XV, sedutor embora seus bofes de rendas, suas cabeleiras empoadas, seus calções de brocado, seus saltos-carrapeta (ledo engano: nunca houve tanto filho natural, quanto nesta época...) E assim por diante, passando por gama incontrolável de estilos e concepções de beleza, de cânones e esquemas, de autênticas dádivas da natureza e artifícios bem criados. De onde se conclui que bonitão é, antes de tudo, um forte, para poder modelar-se à imagem e semelhança do padrão estético de cada época. E o "bicho-72", para início de conversa (já que é o cinema que universaliza o tipo), deve ter a irresistível feiúra de Belmondo, o romantismo um tanto "perverso" de Delon, os bíceps e o olhar de fera de Charles Bronson, o mistério oriental de Shariff. Algumas pílulas ajudam a determinar o que é beleza masculina atual, mais feita de charme e atmosfera, que de correção de traços e harmonia de volumes.

- Quanto ao físico, que tenha cabelos longos, bons bigodes — e se possível, barba à Nazareno, além de uma inquietante personalidade...

- Quanto à elegância, que seja descontraído, que tenha imaginação, sem ser "desmazelado" ou pretensioso.

- Quanto ao temperamento, que seja alegre, generoso, bom companheiro, versátil, terno, durão, "ipanemense" (mas não folclórico!), boêmio (mas não tanto...)

- Quanto às aptidões, que saiba fazer presentes, sem ser ostensivo ou sovina, que cite os poetas queridos, sem ser pedante e cantarole as músicas da moda, sem mania de tenor. Que consiga preparar uma comidinha divertida, de madrugada, com os restos da geladeira. Que conheça meio-mundo, sem ser cronista social e frequente os bons lugares, sem parecer pão-de-ló-de-festa. Que tenha bom-humor, bom-gosto e bom-senso.

No mais, pedindo a bênção ao poeta, "os muito belos que me perdoem, mas beleza não é fundamental". O que quer dizer: não é preciso que o homem seja bonito. Apenas, que seja... homem.

A LIBERTAÇÃO DAS MULHERES

PSICOLOGIA HOJE

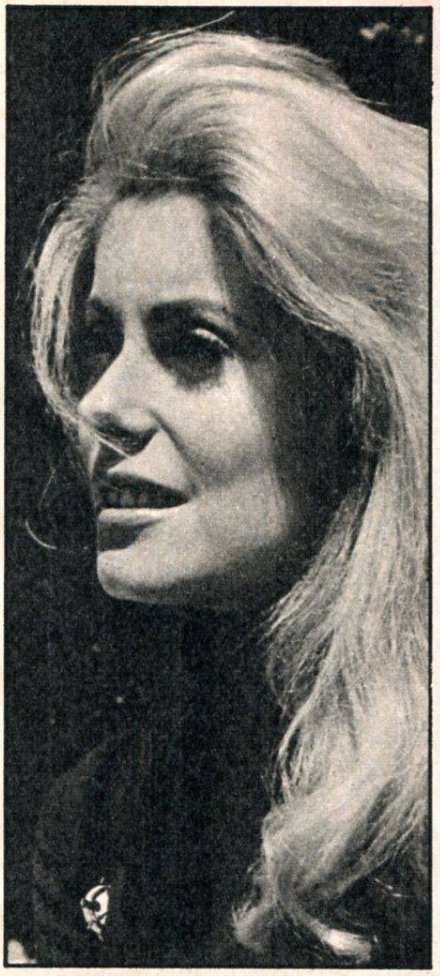
DR. ACHIM FUERSTENTHAL

MESMO o cidadão que se aproxima do movimento de libertação feminina com a máxima boa-vontade não pode deixar de sentir certa perplexidade na medida em que examina as suas premissas. Parece que as teses básicas do movimento são as seguintes:

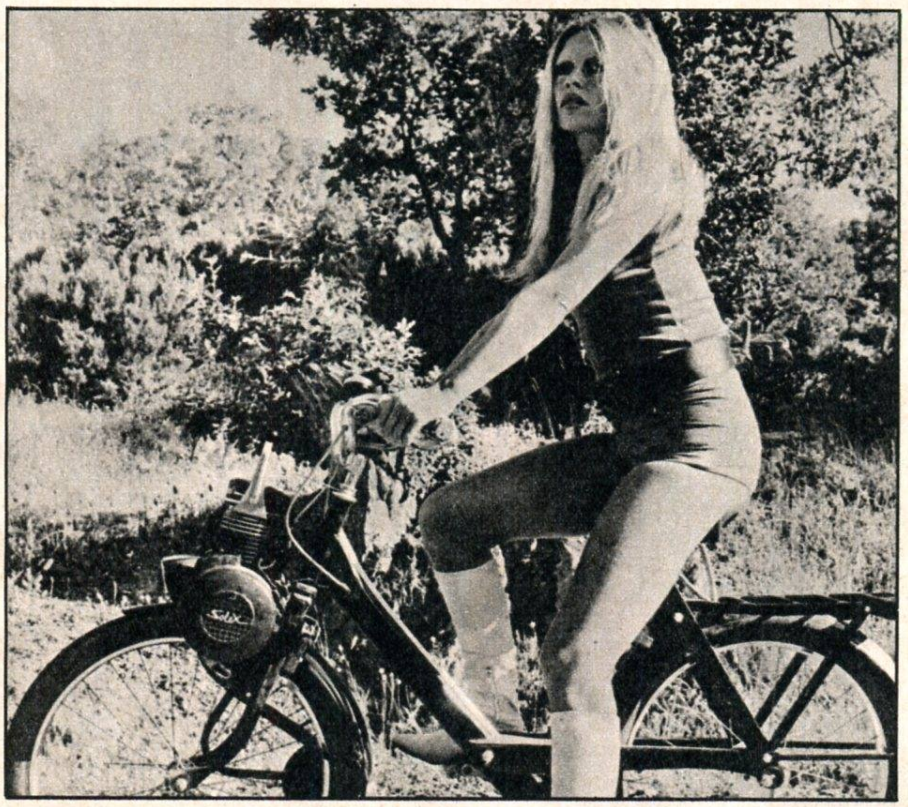
Primeira tese: A dona-de-casa e mãe das crianças aplica aos seus afazeres diários o dom de organização, o senso econômico, o discernimento estético, a criatividade culinária, a responsabilidade pedagógica, a liderança, o relacionamento social e, além de tudo, a resistência à fadiga, ao tédio e à rotina sufocante. Sendo assim, a sua ocupação exige um arsenal de capacidade consideravelmente mais amplo do que aquele prescrito na descrição de cargo do marido, qualquer que seja a sua ocupação. Entretanto, o marido é premiado pela compensação econômica, pelo progresso funcional, pelo reconhecimento social, pelo contato contínuo com o mundo extradoméstico, com as diversões, etc. Enquanto isto, dizem elas, a esposa se desgasta numa devoção gratuita, se frustra num papel honroso mas despercebido e não tem a mínima perspectiva de promoção à sua frente.

Realmente, em linhas gerais, a situação da mulher é esta mesmo, ninguém pode negar. Apenas uma observação: entre nós, ocidentais do século XX, não se obriga as donzelas a se tornarem esposas e mães. Se o fazem, é por livre e espontânea vontade, abandonando muitas vezes interessantíssimas carreiras profissionais já iniciadas, em favor daquela posição estática diante do fogão. É o próprio sexo feminino que parece ter um preconceito tanto romântico quanto absurdo em relação à vida doméstica. Com entusiasmo a moça aceita as implicações desta vida, por demais conhecidas, para segurar o seu homem, começando, só muito depois de ter feito o contrato, a protestar contra os seus termos.

Enquanto a mulher pensa em emancipar-se, o homem vai sendo premiado funcional, social e economicamente



AS feministas explicam esta situação pelo caráter insatisfatório das condições de trabalho oferecidas à mulher. Em sua *segunda tese*, alegam o seguinte: há uma conspiração masculina no sentido de fazer a mulher viver na dependência econômica do homem, isto é, de preferir esta dependência a uma independência alcançada através de um esforço profissional. As carreiras abertas às mulheres são normalmente as mais medíocres e de pouca valorização econômica. Como as grandes posições e os salários mais altos são reservados aos homens, torna-se mais compensador partilhar da fortuna de um deles do que fazer esforço mal remunerado por conta própria. À mente feminina, condicionada neste sentido, mesmo o casamento com um trabalhador modesto parece mais natural do que a escolha de uma carreira. Este es-



tado de coisas só pode mudar quando o trabalho da mulher for melhor remunerado e quando ela encontrar todas as oportunidades abertas que até hoje são reservadas ao homem.

Qualquer pessoa que conhece a realidade do mercado de trabalho reconhecerá o engano da premissa acima. As senhoras do movimento feminista parecem pensar que basta ser homem para ser um vice-presidente de uma grande empresa. Uma pesquisa entre os executivos do mundo moderno mostra que a maioria vem de baixo, atravessando anos e anos de serviço duro em vendas, produção ou controle, para finalmente subir a postos de comando. Sempre são pessoas que desde cedo enfrentaram o trabalho e a carreira como objetivos únicos e sentido de vida. É isto justamente que a mulher — com exceção dos casos de verdadeira vocação, geralmente artística ou intelectual — não faz. Sempre existe a tentação daquela outra alternativa, ou seja, a existência doméstica. Enquanto o desejo de formar família é para o homem um motivo de mais esforço profissional, para a mulher é um desestímulo, um desvio imediato de energias físicas e mentais. Cabe uma pergunta: isto é simplesmente uma expressão da natureza feminina ou o resultado de um condicionamento? Assim chegaremos ao centro de toda a questão.

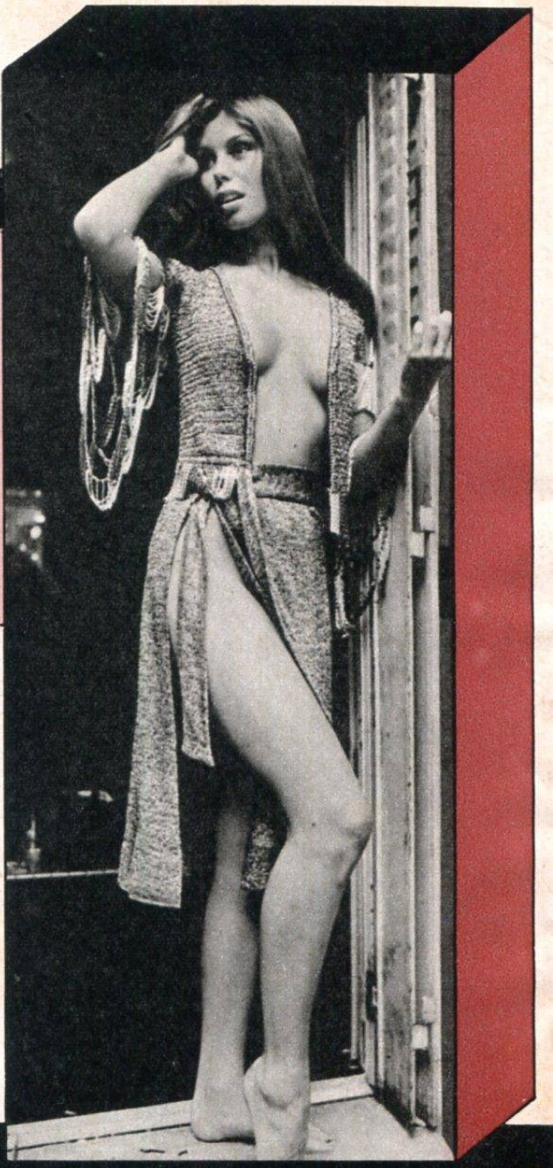
Nossa tese é de que existem mulheres predestinadas à vida doméstica, mas há outras de mentalidade mais fria, mais objetiva, de temperamento mais independente. Estas são as verdadeiras vítimas da conspiração masculina. São atingidas por um condicionamento contrário ao seu verdadeiro caráter, tão cedo e profundamente, que nem é possível fazer uma idéia da sua participação estatística em cada geração feminina.

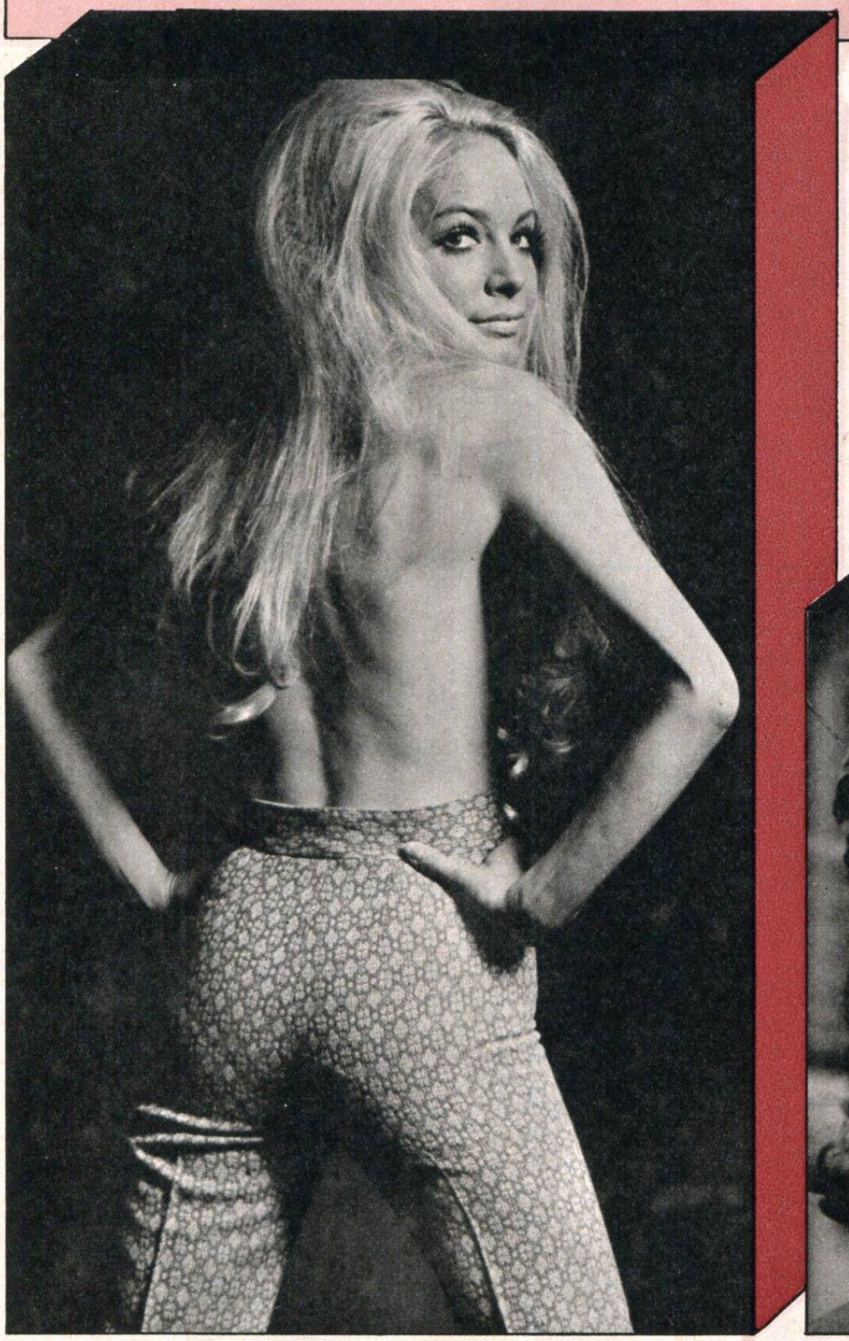
Enquanto o filho é orientado para a realidade, preparado para a luta, munido aos quinze anos com a chave da casa e despachado com a bênção para a aventura, a filha é criada numa estufa sentimental. É aquela gracinha, objeto das energias libidinosas e dominadoras flutuantes de toda a família, tendo seus interesses ridicularizados, a sua capacidade mental atrofiada sob o signo da santa ignorância, a sua personalidade talhada para o papel de parasita pretensiosa, uma vez que está resolvido entre os familiares que este tesouro passará da hiperproteção materno-paternal diretamente para a existência paradisíaca ao lado do rapaz digno e formidável que a manterá eternamente, em reconhecimento às suas graças irresistíveis.

UMA vez feita a opção, o destino é irreversível. O marido é apenas humano e se cansa do ser vazio ao seu lado. Vem a separação e a esposa abandonada se lembra que gostava de arte, que adorava a leitura, que se destacava no estudo das ciências, que aprendia línguas com facilidade, que fazia teatro e era a oradora da turma, que casou apenas para agradar a família, ou porque achou que ia gostar, ou por que não quis ficar como a tia Emília, solteirona e considerada infeliz. Mas agora, até que gostaria de ter o destino da tal tia Emília, que vai ao teatro, que joga na bolsa e que passa o verão na Itália sem dar bola a ninguém.

Resultado: no fundo do problema da libertação das mulheres jaz o da emancipação das filhas. Enquanto estas não têm o direito de determinar os seus passos desde cedo, de fazer experiências boas ou más, de se preparar para a vida de acordo com a sua personalidade e não a sua anatomia — em nenhuma mudança de leis, nenhum acerto salarial libertará as mulheres.

ELAS SÃO BOAS DE CÂMARA





Oscar Wilde dizia que o importante não é o que se diz. Os manequins fizeram uma pequena revisão na frase: não importa o que se mostra, mas é necessário saber valorizar tudo o que se pode mostrar.

Coisas estranhas acontecem na Civilização da Imagem. A Mãe leva o filhinho pra passear e a vizinha comenta: "Mas que menino lindo!!!" A Mãe acrescenta: "Pois isso não é nada. A Sra. precisa ver é um retrato que tiraram dele..."

Na Galáxia McLuhan, toda imagem já virou um ícone — semioticamente falando. (Mas como? A Sra. não sabe o que é falar semioticamente? Ah, isso é grave. Pois a semiótica é o estudo do significado das imagens. Os retratos de sua bisavó são semiotiquíssimos. As histórias em quadrinhos do seu filho — e os retratos *dele* — também são. E o anúncio que o seu marido recortou. Até sua foto na coluna social. Pois é. Que nem o Burguês Gentilhomem, a Sra. estuda a semiótica há muito tempo — e nem sabia.) E um ícone, cara Dama, é aquele troço grego ou russo, meio religioso e meio sagrado, que a sua vizinha pendurou na parede. Tamos aí?

De modo que a Imagem é quase sempre uma estilização da realidade, um melhoramento profundo da bagunça que rodeia o Homem. Em se tratando de Mulher, isso não é nada de novo. Os grandes pintores sempre melhoraram os seus modelos, e quem sabe até se não foi por isso que eles chegaram a ser grandes pintores. No início da Era Fotográfica, o retoque também consertou muito olho vesgo, muito nariz feio e muita perna torta.

Até que um belo dia um fotógrafo brilhante e ignorado, tão anônimo para a História quanto os construtores das catedrais, decidiu não *melhorar* a realidade feminina, mas sim escolher uma mulher bonita para fotografar. Aí nasceu o Manequim, e de lá pra cá, como se pode ver nos álbuns de História da Fotografia, ou ela melhorou muito ou os fotógrafos melhoraram muito.

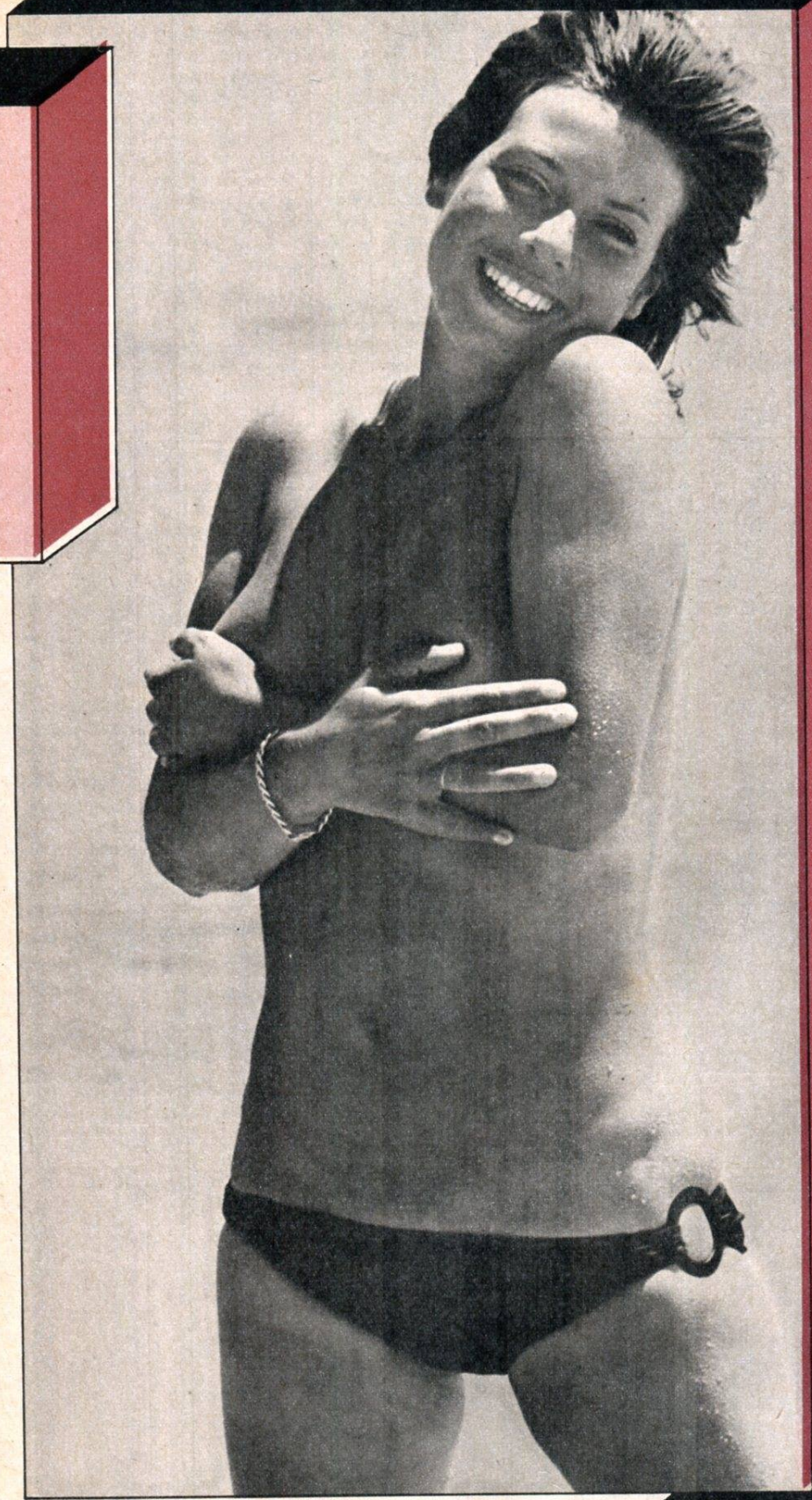
O Manequim é sem dúvida o melhor exemplo da Nova Imagem. Hollywood tinha colocado a mulher ideal num quarto de cetim branco, numa cama de dossel, com mordomos e mucamas pretas servindo, para o café da

TEXTO DE ALFREDO GRIECO

E SONHAM SEMPRE COM O CINEMA

manhã, grandes travessas de prata repletas de abacaxis e outras frutas exóticas. Assim deviam viver Lana Turner, Rita Hayworth e Veronica Lake. Mas a Falência de Hollywood, acontecimento que ainda vai merecer tratados e tratados dos historiadores do futuro, fez sumir o cetim e os abacaxis das grandes estrelas. Hoje, Rita Hayworth faz filmecos pra ganhar dinheiro pro pão-com-manteiga — e as Shrimptons e Veruschkas e Twiggys e Marisas Berensons tomaram o seu lugar. Não numa enorme cama branca, mas num estúdio fotográfico. Não é mais Cecil B. de Mille que cria os Astros do Nosso Tempo. Pode ser um fotógrafo cujo nome está quase escondido no rodapé da foto.

O Manequim constitui mais ou menos 3% da Humanidade. Nem todos posam para as câmaras das grandes revistas, mas eles são aquelas mulheres que sempre saem bem num retrato ("Porque que a Mariazinha sai sempre bem em fotografia? Ih, eu saio sempre um caco...") e para quem parece ter sido desenhada *toda* a moda do *Vogue* e do *Harper's Bazaar*. Só 3% da Humanidade se vestem bem, fotografam bem e têm a magreza necessária para trabalhar em *Blow-Up*. O resto é infelizmente silêncio — e várias visitas ao dietista.



ELAS DÃO TUDO POR UMA FOTO

que não significa que o Manequim tenha uma vida eternamente jovem e glamorosa. Os mais famosos duram, no máximo, dois anos. Depois o público e os editores do *Vogue* se cansam deles, e aí provavelmente casam e engordam. Tem outros que duram anos e anos, justamente porque a cara nunca aparece. São os Manequins-Bocas (pra anúncio de batom), as Meias (pra *nylons*), e até as Mãos-para-Perfume (neste último caso é indispensável a mulher ter uma lindíssima mão bem pequena, para o vidrinho de perfume que ela segura parecer uma taça olímpica). Nos EUA tem agências especializadas para isso tudo, e a assistente de produção da foto telefona e pede: "Eu quero três bocas e 8 mãos para as cinco e meia."

Assim, a Sra. está invejando esse enorme brilhante nesses longos dedos, e não é nada disso. O marido está imaginando a cara que deve acompanhar o esguio par de pernas — e se ele soubesse já teria fechado a revista e ligado a televisão. E quanto às Marisas Berensons da vida... bem, pode ser que daqui a alguns anos ela esteja batendo na sua porta — para vender produtos Avon.

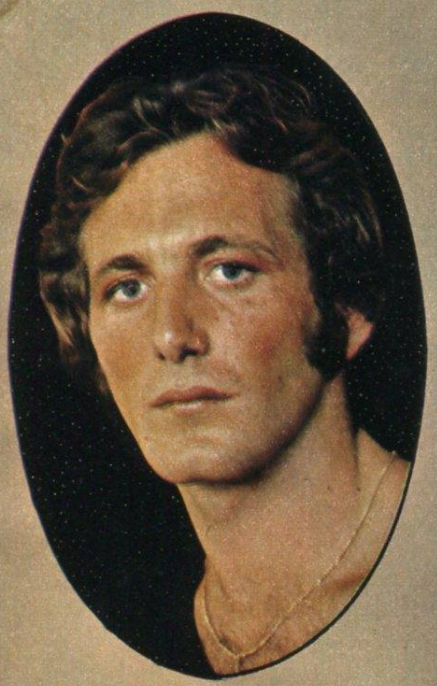
A Foto é mais bonita que a Realidade, e, como dizia Oscar Wilde, muitas vezes a Realidade é mais estranha que a Ficção. Mas isso todos nós sabemos um pouco, não é, e pouca gente ainda discute isso na Galáxia McLuhan. Frequentemente, o Manequim só é bom mesmo é de câmara (mas tem exceções!!!). Sua glória verdadeiramente imorredoura é que elas conseguem preencher simultâneamente os dois requisitos que Oscar Wilde impunha à Existência. Na vida, falava Wilde, é preciso *ser* uma obra de arte, ou então *vestir* uma obra de arte.

finíssimo jersey
de Lycra
soutien 855
bikini 805
levíssima renda
de Helanca
soutien 891
calça 991
A nova sensação de
frescura que Darling traz
para êste verão.
RHODIANYL
darling

motor plano de 65 HP,
bitola larga,
dois carburadores,
baixo centro de gravidade,
fast-back,
interior luxuoso,
desempenho esportivo,
Guarujá,
Ipanema,
Itapoã...
SP-SAO PAULO
BA 3265
© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

VOCÊ CASOU COM O HOMEM CERTO ?

O lar é a arena ideal para o choque de temperamentos. Mas com arte e inteligência, pode-se atingir um grau satisfatório de felicidade na vida a dois. Para chegar a isso é preciso levar em conta a personalidade de cada parceiro. Esse teste de 112 perguntas ajuda a mulher a conhecer melhor suas reações na relação com o homem.

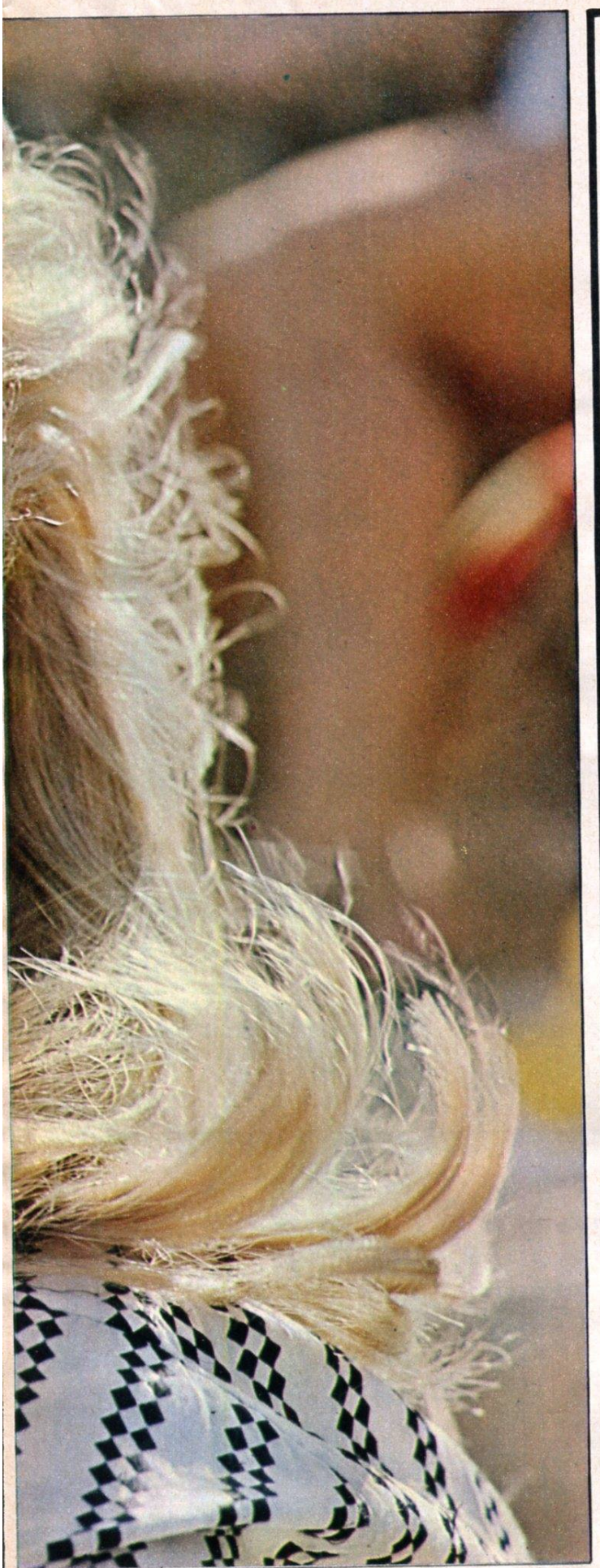


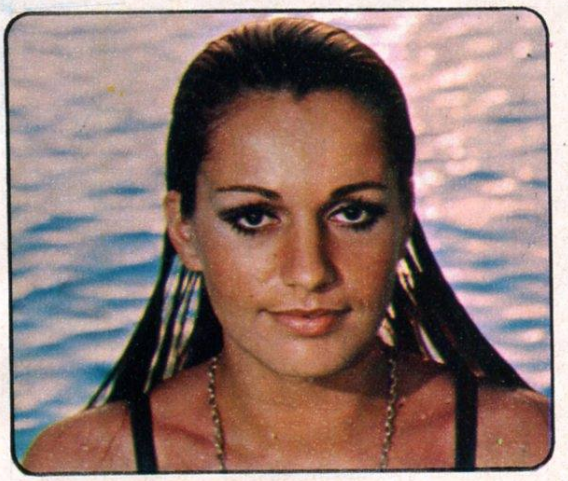
DE 1 ATÉ 14

1. Quando as coisas ficam pretas ele pede minha ajuda.
2. Sempre apareço quando ele precisa de apoio.
3. Acho que ele gosta mais de mim quando me mostro fraca e desprotegida.
4. Gosto de me mostrar fraca e desamparada para que ele sinta que está me protegendo.
5. Ele preferiria recuar a brigar comigo.
6. Tenho sempre de fazer tudo certinho.
7. Ele sabe muito mais coisas do que eu.
8. Reconheço que ele sabe muito mais coisas.
9. O sexo pode ser uma arma muito forte e ele não hesitaria em usá-la.
10. Eu recusaria o sexo para obter alguma vantagem.
11. Ele prefere recuar a se meter numa briga.
12. Eu prefiro recuar a brigar.
13. Ele parece sentir que eu estou melhorando constantemente.
14. Acho que ele melhora dia a dia.

DE 15 ATÉ 28

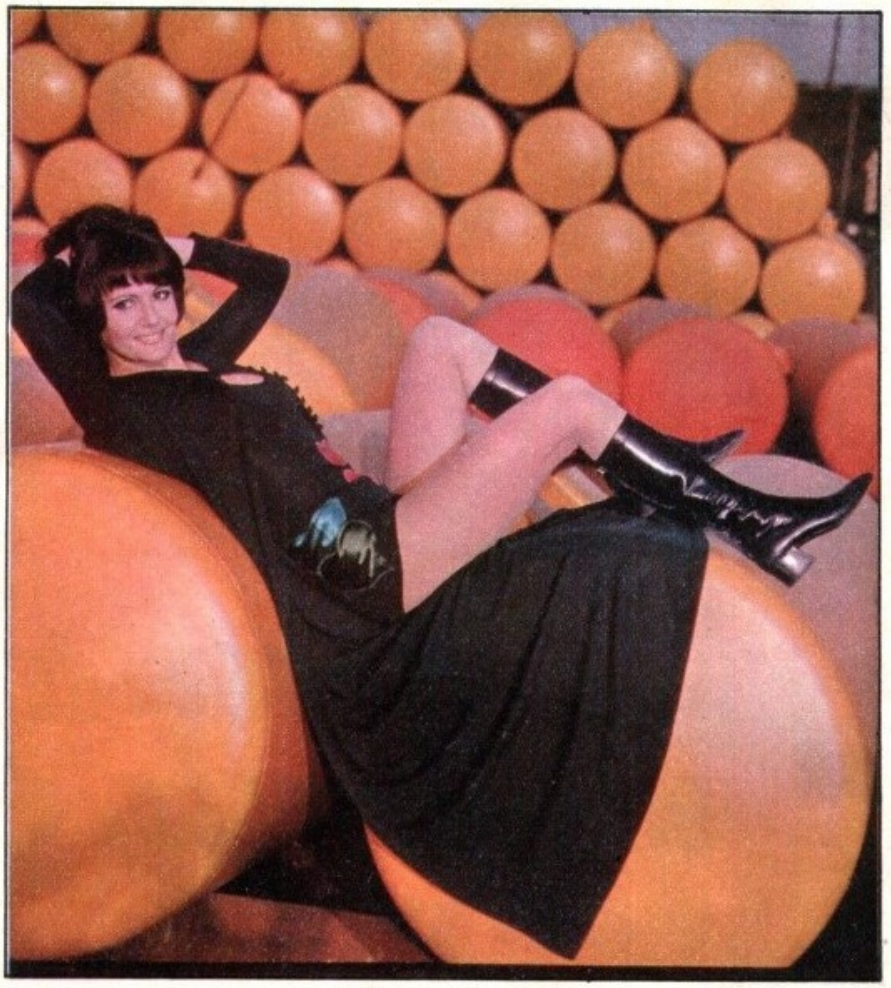
15. Quando é possível, ele pede meus conselhos.
16. Eu lhe dou excelentes conselhos.
17. Ele gosta muito de me escutar e cuidar de mim.
18. Gosto que ele se responsabilize e cuide de mim.
19. Ele tem medo do que eu possa fazer.
20. Eu não hesitaria em lançar mão de uma atitude violenta ou irresponsável para conseguir o que quero.
21. Quando ele me pede para fazer alguma coisa, tem certeza de que eu farei.
22. Eu faço o que ele me pede.
23. Ele tenta me ludibriar quando pode.
24. Acho que posso enganá-lo.
25. Ele faz tudo o que pode para conservar a paz e a tranquilidade.
26. Gosto da paz e da tranquilidade.
27. Ele é tudo o que desejo num homem.
28. Ele parece sentir que sou tudo o que ele deseja numa mulher.

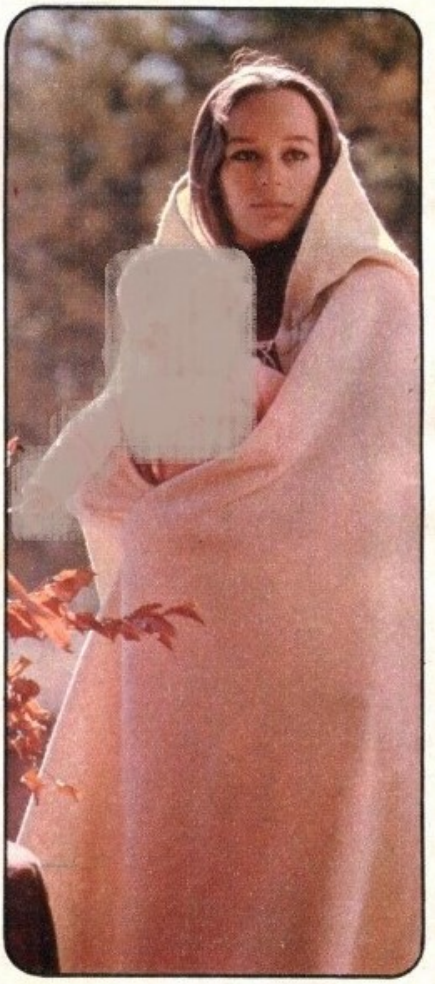




italiana é fora de série TEM 2.000 ANOS DE AMOR

Diz-se que as italianas são tão perfeitas no amor, como quando se trata de preparar uma macarronada. O fato é que a imagem da mulher peninsular, sensual e cheia de curvas, já existe há mais de dois mil anos. E o cinema do pós-guerra, com o neo-realismo da Anna Magnani dos bons tempos, até Sofia Loren e Monica Vitti atualmente, só tem feito reforçar o mito. Só que a realidade é muito melhor: mulheres como Virna Lisi, a gente encontra aos montes em qualquer rua de Roma.

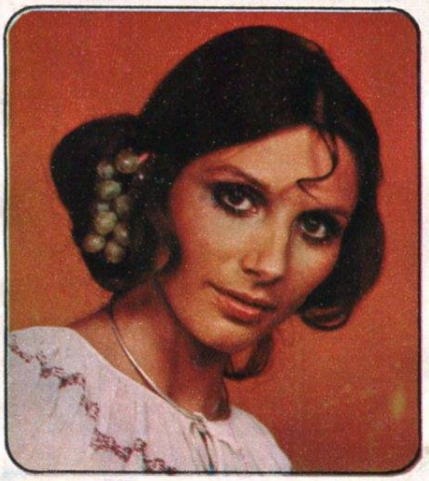


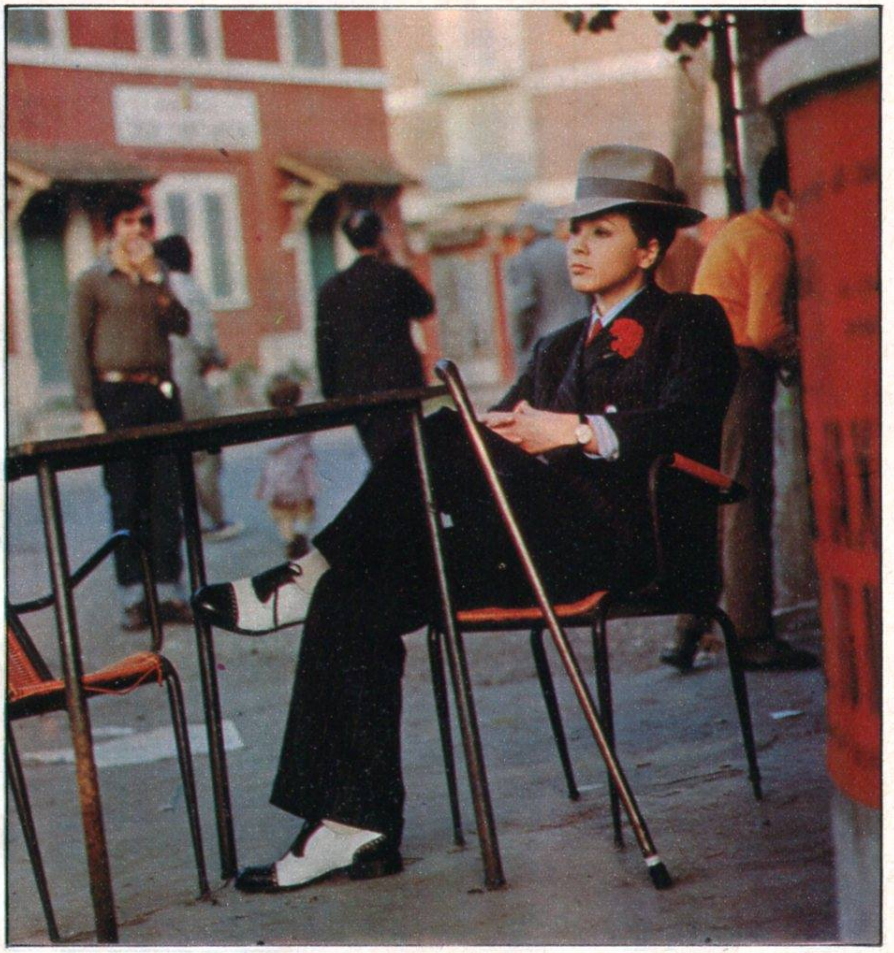


mulher poema ELAS INSPIRARAM DANTE E VERDI

Elas são famosas em todo mundo, e as belas de outros países que me perdoem. A mulher italiana é a única que tem charme até quando chora. A beleza é quase sempre uma questão de ponto de vista, mas o charme é outra coisa, tem traços de atavismo, e na descoberta da mulher italiana a primeira surpresa vem do fato de que, romanas, florentinas, lombardas, napolitanas, venetas ou emilianas, todas são protagonistas. Matriarcas inconscientes, controlam mais inconscientemente ainda seus belos édipos natos com um olhar submisso, por isso mesmo irresistível. Na terra da *mamma*, quando esta começa a engordar — infelizmente o espaguete não perdoa — o marido pratica o adultério com o maior respeito e considera-se e é considerado um herói.

Nada é mais belo que uma viagem através da cultura sentimental italiana. Sem falar nas romanas dos césares, existe à disposição uma infinidade de modelos ou de exemplos a seguir, da Gioconda até Sofia Loren, passa-se por Beatriz, Catarina de Médicis, Lucrécia Bórgia, Lina Cavalieri, Santa Teresinha ou Eleonora Duse, sem falar em todas as heroínas de Verdi, Puccini e Bellini, ou ainda em Desdêmona, Julieta e Francesca da Rimini. E ser mulher na Itália comporta toda esta herança irremovível. É completamente inútil que uma garota, ou uma mulher se digam modernas, sem preconceitos, defensoras da liberação feminina, ou talvez revolucionárias: o passado está marcado demais dentro delas. A história de um país como a Itália, que cresceu, século após século, numa corrida de situações contrastantes, de ímpetos de ódio e de amor, de momentos sublimes e amar-





gos, deu-lhes uma particular identidade espiritual. E os defeitos e virtudes dos homens, na política, na moral, no amor, ajudam também a formar o repertório psicológico, as reservas de emoções que elas usam no diálogo dos sentimentos. Seus impulsos e sua imaginação amorosa são dirigidos por um instinto antigo, como se fossem feitas de madeira secular, cujas raízes se aprofundam em um terreno cultivado por civilizações mortas, por vítimas das grandes causas, pela voz de poetas esquecidos e redescobertos. Ninguém conseguirá identificar em que medida o sentido da tragédia e do lirismo, a espiritualidade, a loucura e o senso de divindade estão distribuídos — e bem misturados — no emaranhado da alma de uma italiana.

Elas não esquecem que fizeram bater o coração de Dante, Petrarca e Boccacio e mais tarde de Leopardi. Elas assistiram à construção de catedrais, à invasão de castelos, viram passar São Francisco de Assis, posaram para Rafael e Bernini, sofreram a guerra e usufruem agora da sociedade permissiva. O homem italiano perdeu-se diversas vezes no rio da longa história de seu país. A mulher assistiu a tudo tranquilamente, da margem.

É preciso aprender a reconhecer as delicadezas do renascimento, dos balcões venezianos e a violência das invasões dos bárbaros em seu olhar.

É impossível não apreciar Anna Magnani, explosiva e terna, e não desejar Silvana Mangano, com sua tranquilidade soberana, recém-saída de um palácio de Florença.

Mas o mais perigoso é apaixonar-se por uma garota de Milão, igual a todas as mulheres do mundo, no início. Depois, ela derrama dois mil anos de amor. Você fica atônito, e diz *"mamma mia"* □

"mamma mia" SÓ AS ITALIANAS TÊM O ALGO MAIS

Modele seu corpo.

Gordura e celulite não são mais nenhum bicho-papão.

É só você usar Bel-Linha, como outras 50.000 mulheres no Brasil.

Use Bel-Linha nas pernas, nos quadris, nas costas, na cintura. Durante o tempo que você quiser.

Dez minutos, vinte, meia hora.

Bel-Linha também acaba com o cansaço, a insônia e a tensão.

E com outra coisa muito exaustiva: fazer ginástica todo dia.

Com Bel-Linha você não precisa deixar os bombons e sorvetes, coisas que tornam a vida bem mais gostosa.

Bel-Linha não tira nada disso da sua vida.

Comece a usar Bel-Linha.

Você verá os resultados em pouco tempo.

BEL LINHA

Um produto Bomclima com 2 anos de garantia.

À venda nas grandes lojas.

1
Massagem dos ombros e da nuca.

2
Massagem das costas e do tórax.

3
Massagem do braço. Movendo-o, você pode massagear tôdas as partes do braço.

4
Massagem do ventre.

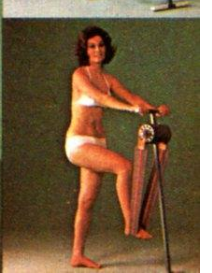
5
Massagem das nádegas.

6
Massagem da parte interna das coxas.

7
Massagem da barriga da perna, tornozelo e articulação do joelho (adiantando ou recuando a perna).

8
Vibrações na planta dos pés para relaxar as pernas.

Contra-indicado para gestantes e portadores de varizes.



Muita gente vai usar Signal com o nôvo sabor pelo que êle pode fazer.

Sinta o sabor refrescante do nôvo Signal na ponta da língua.
E deixe as coisas acontecerem.

O nôvo Signal agora tem S-14 em suas listas vermelhas. O mais ativo e duradouro antisséptico. Que garante hálito ainda mais puro.

Agora que você já viu o que o nôvo Signal pode fazer por você, veja o que êle pode mudar em sua vida.